

Páscoa
Para além
da Cruz!

10

PEDRO BRITO RIBEIRO
Um Pioneiro.

15

UM REMANESCENTE
ESCOLHIDO PELA GRAÇA
Quem fará parte dele?

30

DO COMUNISMO AO
ADVENTISMO
O poder da nossa Mensagem.



"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL **revista.adventista@pservir.pt**

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SERVIR, S. A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almargem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

MDI – Design e Impressão, V. N. Famalicão

TIRAGEM **1000 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

PREÇO NÚMERO AVULSO **1,90€**

ASSINATURA ANUAL **19,00€**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC

DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

abril

D	S	T	Q	Q	S	S
26	27	28	29	30	31	1
2	3	4	5	6	7	8
9	<u>10</u>	<u>11</u>	<u>12</u>	<u>13</u>	<u>14</u>	<u>15</u>
16	[17]	<u>18</u>	<u>19</u>	<u>20</u>	<u>21</u>	<u>22</u>
[23]	24	<u>25</u>	<u>26</u>	<u>27</u>	28	29
30	1	2	3	4	5	6

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

1 DIA DE JEJUM E ORAÇÃO NACIONAL COM VIGÍLIA NACIONAL

6-9 ACREG'IS

16 SAL

23 ENCONTRO REGIONAL DE DIRETORES DE MORDOMIA | CENTRO

24 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO

28-30 MAPAS

29 UNITALKS NORTE | UNIVERSITÁRIOS ADVENTISTAS

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

3-7 REUNIÃO DE PRIMAVERA DA CONFERÊNCIA GERAL (GC)

10-14 ASSOCIAÇÃO DA MOLDAVIA (ROU)

17-21 UNIÃO AUSTRIACA (ATU)

24-28 INSTITUTO TEOLÓGICO SAZAVA (CSU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[17] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[23] DOMINGO

maio

D	S	T	Q	Q	S	S
30	1	2	3	[4]	5	6
7	[8]	<u>9</u>	<u>10</u>	<u>11</u>	<u>12</u>	13
14	<u>15</u>	<u>16</u>	<u>17</u>	<u>18</u>	<u>19</u>	<u>20</u>
21	<u>22</u>	<u>23</u>	<u>24</u>	<u>25</u>	<u>26</u>	27
28	29	30	31	1	2	3

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

6 ASSEMBLEIA ESPIRITUAL

13 e 14 EFJA NÍVEL I – NORTE E CENTRO

21 SAL

27/5-3/6 CAMPANHA DE SOLIDARIEDADE DA ADRA

29 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

1-5 UNIÃO FRANCO-BELGA (FBU)

8-12 UNIÃO ROMENA (ROU)

15-19 REUNIÃO INTERCALAR DA DIVISÃO INTER-EUROPEIA (EUD)

22-26 ASSOCIAÇÃO DA SUÍÇA FRANCO-ITALIANA (SWU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[4] QUINTA-FEIRA

[8] SEGUNDA-FEIRA

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | **ANTENA 1** A PARTIR DAS 22:47

[C] RTP2 ENTRE AS 17:00 E AS 17:30 | **ANTENA 1** A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

04

EDITORIAL

Cristo, nossa Páscoa

05

BÍBLIA

**Para além da Cruz –
Aproveitar a Páscoa**

*A Páscoa vista no seu
enquadramento bíblico.*

10

HISTÓRIA ADVENTISTA

**Pedro Brito Ribeiro
(1909-2012)**

*A biografia de um dos
mais destacados Pioneiros
portugueses.*

15

TEOLOGIA

**Um Remanescente
escolhido pela graça**

*Um conceito teológico impor-
tante na história da Salvação.*

21

MISSÃO

**A organização ecle-
siástica Adventista do
Sétimo Dia em perspe-
tiva histórica**

*Uma compreensão profunda
e relevante da estrutura da
nossa Igreja.*

30

TESTEMUNHO

**Do Comunismo ao
Adventismo**

*Uma vida transformada
pelo poder da mensagem
Adventista.*

32

PÁGINA DA FAMÍLIA

**Uma mensagem de
Páscoa para as famílias**

*A Páscoa e as famílias
Adventistas.*

34

ESPAÇO JUVENIL

**Por que razão foi
instituída a Páscoa?**

*Fica a conhecer os motivos da
celebração da Páscoa.*

38

ESPÍRITO DE PROFECIA

Até que Ele venha

A Páscoa é Jesus!

39

DESCANSOU NO SENHOR...

**Texto Evocador
da Memória do
Dr. Daniel Esteves**

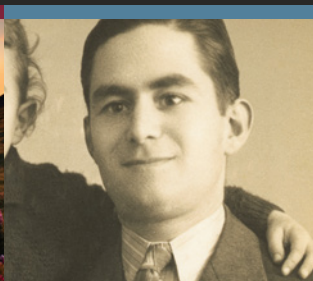
*A memória de um obreiro
dedicado à Causa de Deus.*

**António Maurício,
um servo de Deus**

*O testemunho de uma vida de
consagração ao Senhor.*

46

NOTÍCIAS NACIONAIS





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

Cristo, nossa Páscoa

Conforme podemos ver no livro de Êxodo, a Páscoa comemora a libertação do povo de Deus da escravidão do Egito, mas também nos lembra da grande salvação que Deus nos oferece através do sacrifício do Seu Filho.

Ellen G. White escreveu que “a morte de Cristo sobre a cruz do Calvário é a nossa única esperança neste mundo e será o nosso tema no mundo por vir”.¹ “Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós.”²

O povo de Deus viveu momentos que, certamente, nunca poderá esquecer! Todos os símbolos presentes na festa da Páscoa lembram-nos de que temos um Deus que conduz a vida dos Seus discípulos. E este era mais um momento em que o Senhor queria mostrar ao Seu povo que Ele tem planos maravilhosos para cada filho Seu.

“A Páscoa devia ser tanto comemorativa como simbólica, apontando não somente para a libertação do Egito, mas, no futuro, para a maior libertação que Cristo cumpriria, libertando o Seu povo do cativeiro do pecado.”³ O sacrifício do

cordeiro representa a morte do “Cordeiro de Deus”, Aquele em Quem nós podemos ter a esperança da salvação.

O Senhor deseja fazer o mesmo por cada um de nós, libertando-nos das nossas tendências e dos nossos pecados. Através do Cordeiro, nós somos purificados e santificados. Ele pode fazer de cada um de nós pessoas preparadas para o Seu Reino. Se permitir, Ele pode trabalhar no seu coração e mudar a sua vida. Em Cristo somos aceites como Seus filhos e Suas filhas, tornando-nos mais e mais parecidos com Aquele a Quem admiramos. Em Cristo, nossa Páscoa, temos a segurança de que a esperança não desaparecerá do nosso coração e de que O veremos face a face. “Cristo trouxe aos homens e às mulheres o poder de vencer. Veio ao mundo em forma humana, a fim de viver como homem entre os homens. Assumi os riscos da natureza humana, para ser provado e tentado.”⁴ Quer deixar que Jesus, através do Seu Espírito Santo, possa fazer o trabalho de transformação no seu coração?

A Páscoa ensina-nos que a morte e a ressurreição de Jesus são a única solução para a verdadeira libertação do ser humano. Ela mostra-nos até que ponto Jesus deseja fazer esse milagre de transformação naqueles que permitirem. E, se formos obedientes, teremos a oportunidade de experimentar esse poder transformador na nossa vida. Quer experimentar?

1
Ellen G. White, *The Signs of the Times*, 30 de dezembro de 1889.

2
I Coríntios 5:7.

3
Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 267, ed. P. SerVir.

4
Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. I, p. 226.



Jarod Thomas

Pastor

*Retirado da revista
Adventist World de
abril de 2017.*

Para além da Cruz *Aproveitar a Páscoa*

Nós vemos o amor sacrificial que foi exibido naquela cruz como uma resposta universal à disputa originada por Satanás sobre a natureza do caráter de Deus (Romanos 5:8).

Eu ia a conduzir a caminho da reunião de oração, numa quarta-feira à noite, enquanto ao meu redor ocorria uma verdadeira tempestade de neve. Notei então a figura de um homem que estava situado ao lado da estrada. Ao passar por ele de carro, consegui perceber as suas vestes litúrgicas sob um grosso sobretudo negro e a chávena de café branca na sua mão enluvada.

O rito da Quarta-Feira de Cinzas

O *placard* que estava ao seu lado explicava a sua missão. Era Quarta-Feira de Cinzas e este sacerdote Católico estava a oferecer cinzas à discrição aos crentes que estavam com pressa, mas que, ainda assim, queriam celebrar o rito da Quaresma. Fiquei surpreendido. Eu não tinha relacionado as miríades de anúncios de bolos ricos em colesterol com a Terça-Feira Gorda e com o começo da Quaresma. Se calhar, por causa do meu Adventismo.

Exceções à parte, as celebrações da Páscoa não costumam ser eventos importantes para os Adventistas.

Foco na nossa fé

Não há dúvida: A fé Adventista centra-se na morte e na ressurreição de Cristo. Damos valor ao sangue expiatório que foi derramado na cruz do Calvário enquanto único meio que nos pode libertar do salário do pecado e do seu poder sobre nós (Hebreus 2:14 e 15). Nós vemos o amor sacrificial que foi exibido naquela cruz como uma resposta universal à disputa originada por Satanás sobre a natureza do caráter de Deus (Romanos 5:8).

Na ressurreição e na ascensão, descobrimos um Salvador que vence a morte e ascende ao Céu para entrar no santuário celeste, de modo a servir como nosso Sumo-Sacerdote (o único Mediador e Intercessor da Humanidade), um direito que Ele adqui-



riu com o Seu sangue (Romanos 5:9; Gálatas 1:4; I Timóteo 2:6; Tito 2:14). E nós antecipamos a iminente vinda deste mesmo Jesus, de acordo com a Sua promessa de regressar com poder e glória (João 14:1-3).

À luz da ênfase bíblica colocada sobre estes solenes acontecimentos, sentimos um certo desconforto com coelhos e ovos de Páscoa, que têm mais em comum com ritos pagãos de fertilidade do que com o Senhor ressurreto. Para além disso, há a mutável data astronómica para a celebração da Páscoa, que corresponde à Lua Nova que se segue ao equinócio da primavera, já para não falar do serviço de culto de alvorada, que não faz parte da prática de adoração Adventista. De facto, alguns Adventistas têm aplicado os comentários negativos de Ezequiel sobre a adoração do Sol ao rito da Páscoa cristã (veja Ezequiel 8:15 e 16).

Talvez a questão mais problemática ligada à corrente prática do feriado da Páscoa cristã seja o facto de que ela separa a morte e a ressurreição de Jesus do contexto histórico e profético em que elas originalmente aconteceram.

Foco nas Escrituras

Após a Sua ressurreição, Jesus aproximou-Se de dois dos Seus desencorajados seguidores, enquanto viajavam para Emaús. Embora eles percorressem aquela estrada iluminados pelo brilho do fim da tarde, o Sol não tinha ainda nascido no seu horizonte de esperança. Eles lamentavam-se sobre a realidade da morte do Messias e, misericordiosamente, Jesus aproveitou a oportunidade para os iluminar. As

Talvez a questão mais problemática ligada à corrente prática do feriado da Páscoa cristã seja o facto de que ela separa a morte e a ressurreição de Jesus do contexto histórico e profético em que elas originalmente aconteceram.

Escrituras dizem-nos que “começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras” (Lucas 24:27).

Ao forjar uma teologia dos acontecimentos recentes – isto é, sobre o significado profético das festas da Páscoa, dos Pães Ázimos e das Primícias – Jesus voltou a Moisés. Deus tinha usado Moisés para estabelecer as minúcias do serviço do santuário do Antigo Testamento. Estes serviços de adoração continham o conhecimento sobre o vindouro Cordeiro Sacrificial, sobre o repouso do Sábado em que Ele permaneceria no túmulo e sobre a Sua ressurreição como “primícias” daqueles que ressuscitarão no momento do seu prometido regresso (I Coríntios 15:20; Apocalipse 14:4).

Esta perspetiva sobre a crucificação e a ressurreição de Jesus apresenta aquele fim de semana inicial de cerimónias como o começo de sete festas que apresentavam a obra redentora de Cristo ao longo do ano. Encontrados em Levítico 23, estes eventos



começam com a provisão do sangue expiatório do cordeiro e culminam na celebração de um povo redimido, purificado e restaurado.

A celebração contemporânea da Páscoa divorciou a morte e a ressurrei-

**Em vez de nos
sentirmos
perturbados pela
Sua ascensão,
devemos ficar
encorajados porque
Ele está a preparar
um lugar para nós
e porque Ele vai
voltar para nos levar
Consigo para o Lar.**

ção de Cristo desta linha cronológica profética dada por Deus a Moisés. Em vez de ser o começo, a Páscoa cristã é o fim. Muitos Cristãos começam a sua observância da Páscoa mais de um mês antes, divertindo-se na Terça-Feira Gorda, de modo a começarem o jejum na Quarta-Feira de Cinzas.

Ao aproximar-se a Páscoa, eles observam o Domingo de Ramos e a Sexta-Feira Santa. Depois de se passar por alto o Sábado em que Cristo repousou na sepultura, o Domingo de Páscoa é celebrado com vigor. Chega então ao fim a época pascal. Infelizmente, falta o significado do que Cristo faria *após* a Sua ressurreição. Ao deixarem de perceber o que Moisés tem a dizer sobre a interpretação destes eventos, muitos estão confusos ainda hoje.

O jornalista Philip Yancey escreveu: “Concluí ... que a Ascensão representa a minha maior luta de fé.” Ele coloca a pergunta: “Não teria sido

melhor, se a Ascensão nunca tivesse ocorrido?”¹ Certamente não para Jesus. E seguramente não para nós, pois foi por nós que Jesus entrou num “maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos” (Hebreus 9:11), de modo a servir como nosso Advogado, defendendo os pecadores que Ele veio salvar. Ele mesmo nos assegura de que nos é vantajoso que Ele partisse para o Céu (João 16:7). Em vez de nos sentirmos perturbados pela Sua ascensão, devemos ficar encorajados porque Ele está a preparar um lugar para nós e porque Ele vai voltar para nos levar Consigo para o Lar. A compreensão do santuário mosaico permite-nos entender o mistério do ministério celestial de Cristo antes do Seu prometido regresso. E foi para esta realidade que Jesus apontou, de modo a alegrar o coração triste dos dois discípulos desencorajados naquela tarde de domingo, à medida que percorriam a estrada a caminho de Emaús.

Conclusão

Eu não defendo que se volte a praticar todas as festas mosaicas anuais. Nós não temos um templo estabelecido ou um sacerdócio operante. E mesmo que tais instituições existissem ainda, a reinstituição dos ritos sacrificiais apenas serviria de negação do perfeito sacrifício que Cristo fez pela Humanidade. Quando Jesus expirou, o véu do templo foi rasgado em dois e, nesse momento, os serviços do santuário tornaram-se meras sombras à luz do seu cumprimento na morte de Cristo.

O que podemos fazer é celebrar uma semana de serviços evangelísticos

Seguir os passos de Jesus para além da Cruz e até ao santuário celestial aprofundará a nossa compreensão e a nossa apreciação do Seu ministério terrestre e celeste.

que comece com os eventos da entrada triunfal em Jerusalém, descreva a obra do Messias, trace os acontecimentos da traição de que Ele foi alvo, do Seu julgamento, da Sua crucificação e da Sua ressurreição, e culmine num serviço litúrgico ao pôr-do-Sol de domingo, para se comemorar o ministério gracioso de Jesus em favor dos dois discípulos desencorajados e, mais tarde, dos apóstolos no cenáculo.

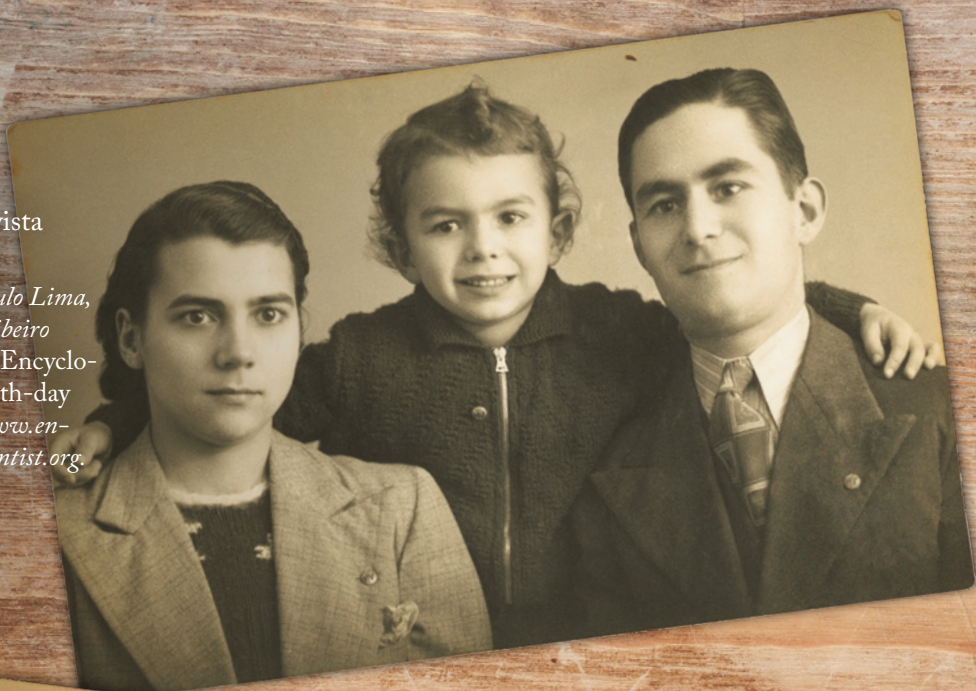
Seguir os passos de Jesus para além da Cruz e até ao santuário celestial aprofundará a nossa compreensão e a nossa apreciação do Seu ministério terrestre e celeste. Obteremos, assim, uma mensagem evangélica mais plena e mais rica, destacando-se o seu clímax iminente, quando Jesus regressar para levar o Seu povo para o lar da glória. Em vez de ignorarmos totalmente a festa da Páscoa, devemos empenhar-nos como Jesus Se empenhou, procurando trazer a luz através do poder da Palavra de Deus, e começarmos como Ele começou, recuperando a sabedoria que existe nos escritos de Moisés.

¹ Philip Yancey, *The Jesus I Never Knew*, Zondervan, 1995, p. 229.



Paulo Lima
Editor da Revista
Adventista

*Retirado de Paulo Lima,
"Pedro Brito Ribeiro
(1909-2012)", Encyclo-
pedia of Seventh-day
Adventists, www.encyclopedia.adventist.org.*



Pedro Brito Ribeiro (1909-2012)

Pedro Brito Ribeiro foi um dos principais Pioneiros portugueses da Igreja Adventista do Sétimo Dia.



Primeiros anos

Pedro Brito Ribeiro nasceu em 4 de junho de 1909, em Portalegre, numa família presbiteriana. José Alexandre Ribeiro, o seu pai, era Colportor da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira em Portugal. O jovem Pedro teve o seu primeiro contacto com a mensagem Adventista quando tinha 12 anos. O Pastor Paul Meyer, Presidente da Missão Portuguesa, tinha sido convidado a realizar uma série de palestras sobre profecia bíblica na igreja Presbiteriana de Portalegre. Dado que José Alexandre Ribeiro era diácono da igreja local, todos os membros da família Ribeiro estavam presentes para assistirem às palestras. Pedro ficou muito impressionado com a pregação de Paul Meyer, especialmente com a interpretação de Daniel 2.

Depois do termo das palestras, a Obreira Bíblica Adventista Rosália Pires começou um grupo de estudo da Bíblia no lar da família Ribeiro. O jovem Pedro aceitou então a fé Adven-

tista e juntou-se ao grupo fundador que viria a tornar-se na igreja Adventista do Sétimo Dia de Portalegre. Em 1926, aos 17 anos, ele foi convidado pelo Pastor Júlio César Mignã para trabalhar como Colportor no Norte de Portugal. Depois de um curto curso de Colportagem, Pedro Brito Ribeiro começou a vender a obra *Arautos do Porvir*, um livro sobre profecias bíblicas. Um ano mais tarde, ele foi convidado pelo Pastor Harry Lowe, o novo Presidente da Missão Portuguesa, para servir no ministério pastoral.

Em 1927, começou os seus estudos teológicos no Seminário Adventista do Salève, em Collonges-sous-Salève, França. Foi em Collonges que Pedro foi batizado, em 3 de julho de 1928, pelo Pastor Alfred Vaucher.¹

Ministério, casamento e administração

De regresso a Portugal, Pedro começou o seu ministério como Colportor no Porto, em 1931. Em março de

Paul Bernard, José Freire e Pedro Ribeiro, no final do seu curso de Teologia em Collonges.





H. F. Neumann ministrando um batismo na igreja de Lisboa, na presença dos Pastores Manuel Leal, Manuel Margarido, Manuel Lourinho, Fernando Simões, A. F. Raposo e Pedro Ribeiro.



Alguns membros da igreja de Lisboa na década de 1930. Pedro Ribeiro está no topo, ao centro.

1932, começou a trabalhar na sede da Missão Portuguesa, em Lisboa. Durante esse período de tempo, Pedro não só serviu como assistente de Alberto Raposo, o Secretário-Tesoureiro da Missão, mas também se empenhou na realização de trabalho missionário. O seu primeiro empreendimento missionário consistiu em acompanhar o Pastor H. F. Neumann, o Presidente da Missão, na distribuição de folhetos com a mensagem Adventista em Lisboa. Ele também deu estudos bíblicos a pessoas interessadas.

Em maio de 1934, foi eleito Secretário-Tesoureiro da Missão Portuguesa e, em julho desse mesmo ano, casou com Irene Polónio da Nave. Quando o Campo Português recebeu o estatuto de Associação, em 1935, Pedro Brito Ribeiro foi eleito como seu Secretário-Tesoureiro, uma posição que exerceu até 1943. Desde 1941, ele também serviu como Diretor da Casa Publicadora Portuguesa, a Publicadora

Atlântico. Nesta capacidade, promoveu o desenvolvimento da obra de publicações Adventista em Portugal. Ele foi o primeiro administrador da revista *Saúde e Lar*, que começou a ser publicada em 1942, e que ainda se publica hoje.

Estando cansado do trabalho administrativo, Pedro Brito Ribeiro pediu que lhe fosse dado um trabalho na linha da frente. Assim, foi eleito Diretor da Missão da Madeira. Ele e a sua esposa trabalharam na Madeira de 1943 a 1949. Em 1946, foi ordenado ao ministério pastoral. Em 1949, regressou a Lisboa e foi eleito Secretário-Tesoureiro da União Portuguesa, um posto que manteve até 1963. De janeiro a dezembro de 1958, Pedro Brito Ribeiro foi o Presidente Interino da União Portuguesa. Durante o longo período em que serviu como administrador também esteve ativamente empenhado no trabalho evangelístico. Fundou novas igrejas em Alvalade, Odivelas e Cova da Pie-



Obreiros espanhóis e portugueses presentes na Assembleia da União Ibérica que teve lugar em Lisboa, em 1936. Pedro Brito Ribeiro é o sétimo da primeira fila, a contar da esquerda.

dade. De 1963 a 1970, trabalhou em África como Presidente da União de Moçambique. Durante os sete anos em que desempenhou o cargo verificou-se um tremendo crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Moçambique,² de tal modo que o número de membros triplicou em sete anos.³ Ele foi também convidado pela Associação de Estudo da Bíblia Audiovisual do Transval para ir até à África do Sul, onde ele e a sua esposa traduziram a primeira série audiovisual em língua portuguesa para a comunidade de falantes do português.⁴

Reforma e últimos anos

Em 1970, Pedro reformou-se e regressou a Portugal, mas continuou a trabalhar. Serviu como Pastor da igreja de Odivelas durante sete anos e como Pastor da igreja de Lisboa-General Rochadas durante quatro anos. Em 1983, foi convidado para pastorear a igreja portuguesa em Joanesburgo, na África do Sul.

Em 1985, regressou a Portugal e serviu mais dois anos como Pastor de duas pequenas igrejas: Torres Vedras e Pero Negro. Finalmente, em 1987, deixou definitivamente de trabalhar, mas nunca parou de escrever artigos para a *Revista Adventista*, o órgão oficial da União Portuguesa. A sua fiel esposa, Irene, faleceu em 17 de setembro de 2001. Pedro Brito Ribeiro faleceu em 13 de fevereiro de 2012. Tinha 102 anos.⁵

Contribuição

O Pastor Pedro Brito Ribeiro distinguiu-se como um dos principais Pioneiros portugueses da Igreja Adventista do Sétimo Dia, juntamente com Alberto Fernando Raposo e Ernesto Ferreira. A sua obra como administrador foi importante para prover estabilidade na organização da Igreja em desenvolvimento. A sua obra missionária na Madeira e em Moçambique foi crucial para o desenvolvimento desses dois campos missionários.

O ministério de Pedro Brito Ribeiro foi marcado por um forte fervor evangelizador. Ele realizou trabalho pioneiro na abertura de várias novas igrejas na área metropolitana de Lisboa, dando o exemplo aos restantes Obreiros. A sua vida manifestou uma intensa

pujança missionária; o crescimento do número de membros durante os seus anos como administrador de Moçambique foi notável. Pedro Brito Ribeiro deu um importante contributo, que moldou o destino da União Portuguesa e da emergente União Moçambicana.



Batismo de Roosnindah Sridadi, irmã do Secretário da Legação da Indonésia em Portugal, a 27 de dezembro de 1958.



O pequeno Pedro Brito Ribeiro (em baixo, à direita) no grupo de crentes de Portalegre, em 1921, com o Pr. Paul Meyer (em cima, ao centro), Presidente da Missão Portuguesa entre abril de 1917 e abril de 1924.

FONTES

Cazeaux, Jean. "Highlights of the Division Quadrennial Council, 1968." *Southern European Quarterly Review*, March 1969.

Ferreira, Ernesto. *Arautos de Boas Novas: Centenário da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, 1904-2004*. Sabugo: Publicadora SerVir, 2008.

Landless, N. G. "Reaching the Portuguese in South Africa." *ARH*, October 20, 1966.

Macedo, Paulo Sérgio. "100 anos com Deus." *Revista Adventista*, junho de 2009.

Machado, Artur. "Falecimento do Pr. Pedro Brito Ribeiro." *Revista Adventista*, março de 2012.

Ribeiro, Pedro Brito. "Pedro Ribeiro." *Revista Adventista*, outubro de 2004.

Ribeiro, Pedro Brito. "Echoes from Mozambique." *Southern European Quarterly Review*, March 1964.

Ribeiro, Pedro Brito. "Mozambique Membership Triples in Seven Years." *ARH*, May 14, 1970.

Vandenvelde, Georges. "Division Annual Committee Meeting 1969." *Southern European Quarterly Review*, March 1970.

1
Ernesto Ferreira, *Arautos de Boas Novas: Centenário da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, 1904-2004* (Sabugo: Publicadora SerVir, 2008), 231; Pedro Brito Ribeiro, "Pedro Ribeiro", *Revista Adventista* 65.689 (outubro de 2004), 20. Paulo Sérgio Macedo, "100 anos com Deus", *Revista Adventista* 60.745 (junho de 2009), 27; Artur Machado, "Falecimento do Pr. Pedro Brito Ribeiro", *Revista Adventista* 73.778 (março de 2012), 19.

2
Por exemplo, Pedro Brito Ribeiro relatou uma vez que "as nossas 39 igrejas têm 10 000 membros batizados. 20 000 frequentam a Escola Sabatina. 1125 pessoas foram batizadas em 1968". Veja uma compilação dos relatórios feita por

Georges Vandenvelde, "Division Annual Committee Meeting 1969", *Southern European Quarterly Review*, March 1970, 3; Cf. Jean Cazeaux, "Highlights of the Division Quadrennial Council, 1968", *Southern European Quarterly Review*, March 1969, 3; P. B. Ribeiro, "Echoes from Mozambique", *Southern European Quarterly Review*, March 1964, 6 e 7.

3
P. B. Ribeiro, "Mozambique Membership Triples in Seven Years", *ARH*, May 14, 1970, 19 e 20.

4
N. G. Landless, "Reaching the Portuguese in South Africa", *ARH*, October 20, 1966, 21 e 22.

5
Ferreira, *Arautos de Boas Novas*, 231; Ribeiro, "Pedro Ribeiro", 20 e 21; Macedo, "100 anos com Deus", 27; Machado, "Falecimento do Pr. Pedro Brito Ribeiro", 19.



Felix H. Cortez
Teólogo

Um Remanescente escolhido pela graça

De modo a assegurar a sobrevivência da Humanidade, Deus decidiu preservar uma “semente” que desafiasse o domínio da serpente e, por fim, a derrotasse, ainda que isto Lhe custasse a Sua vida.



Em 1926, Nikolai Vavilov teve, talvez, “a menos proclamada epifania científica da era moderna”.¹

Ele compreendeu que era necessário preservar as sementes das espécies selvagens aparentadas e das variedades das culturas que comemos, de modo a preservar os genes a partir dos quais pudéssemos produzir, no futuro, as características essenciais de que as culturas necessitam para combater as doenças, desenvolver resistência às pestes e obter a capacidade de suportar condições climáticas extremas.

O que Vavilov concebeu foi a criação do equivalente à Arca de Noé para proteger *um remanescente* das sementes do mundo, um banco de sementes que pudesse assegurar a sobrevivência das futuras colheitas alimentares. Vavilov e a sua equipa consideraram este banco tão importante que o protegeram com a sua vida. Nove dos seus colegas morreram de fome durante o cerco a Estalinegrado, por ocasião da II Guerra

Mundial, de modo a proteger 400 000 sementes, tubérculos e frutos armazenados no seu banco de sementes. Um deles deixou uma carta juntamente com a enorme coleção intocada: “Quando todo o mundo está envolto pelas chamas da guerra, nós iremos guardar esta coleção para o futuro do povo.”² Hoje, existem cerca de 1400 bancos de sementes ao redor do mundo.

A promessa de um Remanescente

Enganados por Satanás, a serpente (Apocalipse 12:9), a queda de Adão e Eva no Jardim do Éden foi uma catástrofe de magnitude inimaginável que ameaçava o futuro da Humanidade. Satanás tinha usurpado o governo deste mundo (João 12:31; 14:30; 16:11) e a Humanidade teria de ser destruída, com Satanás, caso ele alcançasse um domínio completo (Romanos 6:23; 5:12-14).

De modo a assegurar a sobrevivência da Humanidade, Deus decidiu

preservar uma “semente” que desafiasse o domínio da serpente e, por fim, a derrotasse, ainda que isto Lhe custasse a Sua vida. Assim, Deus anunciou que Ele iria colocar “inimizade” entre a serpente e a “semente”³ da mulher, e que a “semente” acabaria por ferir a cabeça da serpente (Gênesis 3:15).

Deus preservaria um Remanescente da Humanidade que Lhe dedicaria a sua lealdade e que desafiaria o domínio da Satanás, e também providenciaria um Descendente, Alguém que destruiria o poder de Satanás.⁴

A história da redenção da Humanidade regista e segue esta inimizade. Ela segue as ações de Deus para preservar um Remanescente como enclave do Seu Reino e como depositário do conhecimento sobre Ele, perante as tentativas persistentes de Satanás de destruir esse Remanescente e alcançar o controlo completo da Humanidade.⁵

O propósito do Remanescente

A Escritura identifica Noé e a sua família como o primeiro Remanescente (Gênesis 7:23). Quando a Humanidade se tornou depravada ao ponto de que toda a intenção dos pensamentos do seu coração “era só má continuamente” (Gênesis 6:5, 11), Deus preservou um futuro para a Humanidade e para os animais através de Noé, um homem justo (Gênesis 6:8; 7:1). Ele confiou a Noé uma mensagem de aviso para o mundo sobre a destruição vindoura e pediu-lhe que construísse uma Arca para preservar aqueles que ouvissem o seu apelo (Hebreus 11:7; I Pedro 3:20; II Pedro 2:5). O propó-

sito de Deus não era apenas preservar um Remanescente da Humanidade, mas também preservar o conhecimento sobre Ele para as futuras gerações.

No entanto, nem todos os filhos de Noé permaneceram fiéis a Deus (Gênesis 9:25). Mas o conhecimento sobre Deus foi preservado na linhagem de Sem, que reconheceu Deus como o seu Soberano, e Deus fez-Se presente entre essa linhagem (Gênesis 9:27). Assim, um Remanescente não é simplesmente as pessoas que Deus é capaz de preservar de uma catástrofe, mas é um instrumento visível que Ele usa para preservar o conhecimento sobre Si e para apelar ao mundo que se volte para Ele.

Deus continuou a preservar um Remanescente em crises posteriores.⁶ Depois da rebelião das nações da Terra na Torre de Babel, Deus escolheu Abraão – que era da linhagem de Sem e que tinha permanecido fiel ao chamado original de Deus (Gênesis 11:31) – para o abençoar e para abençoar, através dos seus descendentes.

O propósito de Deus não era apenas preservar um Remanescente da Humanidade, mas também preservar o conhecimento sobre Ele para as futuras gerações.

Mais do que mudar as suas ações, o Remanescente necessitava de uma mudança de natureza. Isto tem sido verdadeiro para todos os Remanescentes ao longo da História.

tes, todas as nações da Terra (Gênesis 12:1-3; 22:16-18). Deus pretendia que a semente de Abraão, o povo de Israel, se tornasse na Sua preciosa posse, a quem Ele confiaria a Sua Lei e a quem Ele concederia as suas bênçãos (Êxodo 19:5; Deuteronómio 4:5-8; 28:1-4). Eles seriam um “reino de sacerdotes”, cuja obra consistiria em disseminar o conhecimento sobre Deus entre as nações (Êxodo 19:6; Malaquias 2:7). Assim, Deus protegeu Israel como um remanescente entre as nações e como o instrumento através do qual Ele queria chamar as nações de volta para Si (Gênesis 45:7; Amós 5:15). Mas, tristemente, Israel falhou em glorificar Deus e profanou o Seu nome entre as nações (Ezequiel 36:20-23; 39:7).

Remanescentes falhos e purificação futura

Ao longo da história, Deus tem operado através daqueles que Lhe permanecem leais no meio da apostasia generalizada. Mas estes Remanescentes sempre consistiram de indivíduos fa-


lhos e de grupos falhos que necessitavam tanto da graça salvadora de Deus como aquelas pessoas que Deus queria salvar através deles.

Noé e os seus filhos, Abraão e os seus descendentes, Judá e os que foram levados para Babilónia, todos eles cometeram erros graves. O paradoxo do instrumento falho é provavelmente mais bem expresso na descrição que Deus faz do Seu povo como a Sua videira ou vinha. Deus trouxe uma “videira escolhida” do “Egito” e plantou-a “num outeiro muito fértil” para que ela expandisse os seus ramos até às nações, mas Israel tornou-se numa “videira selvagem” que produziu “uvas bravas”.⁷

O problema de Israel tinha raízes profundas. A razão para o seu falhanço recorrente era que ele se tinha tornado numa “videira selvagem”. Mais do que mudar as suas ações, o Remanescente necessitava de uma mudança de natureza. Isto tem sido verdadeiro para todos os Remanescentes ao longo da História. No entanto, os profetas predisseram que Deus iria purificar o Remanescente do Seu povo da mesma forma que a prata é refinada (Zacarias 13:8 e 9). Orgulho, engano, inveja e todos os que fazem o mal seriam removidos do Remanescente e Deus colocaria a Sua Lei e o Seu Espírito no coração deste.⁸ Este Remanescente purificado incluiria pessoas de muitas nações (Zacarias 8:20-23; 14:16) e atrairia o mundo para Deus (Isaías 2:2-4; 60:1-3).

Jesus e os 144 000

No entanto, Deus revelou a solução para o problema do frágil Remanes-



Aqueles que juraram fidelidade a Deus juntam-se a Cristo. Eles são “ramos” arrancados das videiras selvagens que são enxertados na “verdadeira videira”.

cente desde o princípio. A “semente” da mulher era, simultaneamente, um grupo de pessoas e uma Pessoa. Deus predisse que haveria “inimizade” entre a serpente e a “semente” da mulher ao longo da História, mas que haveria Alguém que esmagaria a cabeça da serpente (Gênesis 3:15).⁹ Paulo também explicou que a “semente” de Abraão era Cristo (Gálatas 3:16).¹⁰ O próprio Jesus afirmou isto quando disse: “Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador” (João 15:1). Jesus foi perfeitamente fiel.¹¹ Ele revelou o Pai, explicando o verdadeiro significado e a profundidade da Lei de Deus,¹² e atraiu assim toda a Humanidade para Deus.¹³ Desta forma, Deus proveu em Jesus a solução necessária tanto para o Remanescente, como para as nações.

Aqueles que juraram fidelidade a Deus juntam-se a Cristo. Eles são “ramos” arrancados das videiras selvagens que são enxertados na “verdadeira videira”. Na medida em que se agarram ao tronco e bebem da sua seiva, participam da vida do tronco e da sua natureza (II Pedro 1:4). Este é o milagre de um novo nascimento para os ramos, que devem crescer em direção a todas as nações, para que o seu fruto possa trazer glória ao divino “lavrador” (Mateus 28:18-20; João 15:8).

A obra de Cristo atingirá um cumprimento supremo na última geração de crentes nesta Terra. As predições das Escrituras sobre um futuro Remanescente purificado serão cumpridas nela.¹⁴ Eles são aqueles entre as Igrejas que “venceram” (Apocalipse 2 e 3).



O Apocalipse refere-se a eles como sendo os 144 000 que foram selados, que permanecem fiéis entre o povo nominal de Deus.¹⁵ Eles foram purificados no sangue do Cordeiro (Apocalipse 7:4-14). No momento mais negro da História, face às ameaças do dragão e da besta (Apocalipse 13), eles permanecerão puros, porque eles “seguem o Cordeiro para onde quer que

vá” (Apocalipse 14:1-5). Eles prosseguem no seu testemunho sobre a verdade ao guardarem “os mandamentos de Deus”, ao possuírem “o testemunho de Jesus” e ao chamarem “aqueles que habitam na terra” de volta para Deus (Apocalipse 14:6-12; 12:17). Eles terão sucesso, porque o Tronco em que foram firmemente enxertados nunca falhará.

1

Charles Siebert, “Food Ark”, *National Geographic* 202, nº 1 (julho de 2011): 108-131.

2

In Al Gore, “The Edge”, *The Future: Six Drivers of Global Change*, Kindle Ed. (New York: Random House, 2013), capítulo 6.

3

A palavra hebraica traduzida por “descendência” também significa “semente” (*zera*).

4

Veja a análise de Jacques Doukhan, “The Seed”, *On the Way to Emmaus: Five Major Messianic Prophecies Explained* (Clarksville, MD: Lederer, 2012), capítulo 1.

5

Sobre a ideia de um Remanescente que preserva a Humanidade face à possível extinção, veja-se Angel M. Rodríguez, ed., *Toward a Theology of the Remnant: An Adventist Theological Perspective* (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2009), p. 24.

6

Elias e os 7000 homens fiéis (I Reis 19:14, 18); Judá (II Reis 17:18); pessoas levadas para Babilónia (II Reis 25:11); aqueles que regressariam do exílio (Jeremias 31:7-9, 31-34); veja Rodríguez, pp. 25-33.

7

Esta é uma descrição compósita retirada do Salmo 80:8-18; Isaías 50:1-7; Jeremias 2:21; 5:10; 6:9; Ezequiel 15:1-5; 17:1-21; 19:10-14; Oseias 10:1 e 2; Joel 1:7.

8

Isaías 11:10-13; Jeremias 31:7-9, 31-34; Ezequiel 36:22-32; Sofonias 3:11-13; Malaquias 3:16-43; Mateus 13:24-30, 37-43; 25:1-4, 31-33.

9

Veja Doukhan.

10

Veja também Rodríguez, pp. 201-203.

11

Hebreus 4:15; 7:26-28.

12

João 1:14-18; Mateus 5:17-48.

13

João 12:32; 17:4, 6.

14

Veja a nota 8 acima indicada.

15

Rodríguez, pp. 91-94.

**JESUS
IS COMING
GET INVOLVED**



David Trim

Diretor do Escritório de Arquivos, Estatísticas e Pesquisas da Conferência Geral

A organização eclesiástica Adventista do Sétimo Dia em perspetiva histórica

“A Igreja é o meio que Deus escolheu para a salvação dos homens. Foi organizada para servir, e a sua missão é levar o Evangelho ao mundo.”



Os Adventistas do Sétimo Dia estão acostumados a serem membros de uma Igreja mundial, de tal modo que, provavelmente, dão isso por adquirido, não estando cientes de que as Denominações Protestantes estão, na sua maioria, organizadas segundo fronteiras nacionais. A organização eclesiástica Adventista é única e ajudou um pequeno Movimento, originado no Nordeste dos Estados Unidos da América, a tornar-se numa Igreja global. Os Adventistas acolheram uma estrutura algo complexa porque reconheceram que a pregação do Evangelho é facilitada por uma organização eclesiástica robusta e ativa: Ela pode dirigir (e, no caso Adventista, tem dirigido) as finanças e o pessoal da Igreja em toda a sua amplitude para apoiar um evangelismo dinâmico, graças aos recursos empenhados. Uma estrutura acompanhada por pregação poderosa tem sido o fundamento do crescimento da Igreja.

No entanto, porque as suas origens estão no século XIX, esta diferente organização eclesiástica Adventista não é bem compreendida por muitos mem-

bro de Igreja, Pastores e administradores. Um dos aspetos geniais da sua estrutura é o papel desempenhado pela União. Embora seja algo único da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a União é comparável, aproximadamente, com uma diocese. É o ponto de ligação entre a Associação local e a Conferência Geral, que é a estrutura abrangente que abarca o mundo.¹ No entanto, a União é um exemplo de evolução organizacional. Para se compreender a razão por que foram criadas as Uniões, o seu papel na organização eclesiástica Adventista e a natureza da sua relação com a totalidade da Igreja, é útil colocar uma pergunta óbvia, mas raramente suscitada: O que é a Conferência Geral?

Porque existe a Conferência Geral?

A expressão “Conferência Geral” é tão familiar na Igreja Adventista do Sétimo Dia que muitos, mesmo dentro da Igreja, nunca se interrogaram sobre este título ou sobre o seu significado. Os fundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia usaram a palavra “Conferência” de dois modos.

O primeiro foi para designar uma reunião geral de crentes, um uso herdado dos Milleritas, que, no início da década de 1840, realizaram uma série de “conferências gerais”.² Começando em 1852, os Adventistas sabatistas também fizeram o mesmo.³ Uma “Conferência Geral” era uma reunião com aplicação geral a todos os fiéis, em vez de ter apenas um foco local ou regional. Como a maioria dos ex-Milleritas, os Adventistas sabatistas olhavam inicialmente com suspeita para qualquer forma de organização e para qualquer grupo de crentes que pretendesse exercer uma autoridade mais ampla.⁴ No entanto, por fim, as três Conferências de Adventistas sabatistas, realizadas em Battle Creek, Michigan, no início da década de 1860, tomaram importantes decisões que tiveram repercussões sobre todos os crentes. O resultado foi a criação de uma organização formal que, antes, parecia inconcebível.

A primeira destas Conferências, em setembro de 1860, acordou que todas as congregações locais se deveriam organizar legalmente e adotar um nome comum: Adventista do Sétimo Dia. Em outubro de 1861, uma Conferência Geral encorajou as igrejas Adventistas do Sétimo Dia recém-organizadas a formarem Associações baseadas nos limites dos Estados; as igrejas no Michigan fizeram-no, criando aquilo a que chamaram Conferência do Michigan. Nos 15 meses seguintes, foram criadas seis “Conferências Estaduais”.⁵ Depois, em maio de 1863, delegados de seis Conferências fundaram a Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. Mais do que uma

*Apesar das
semelhanças,
a organização
eclesiástica Adventista
emergente diferia,
em pontos-chave, da
organização destas
outras Denominações
contemporâneas,
mesmo daquelas que
usavam a terminologia
“Conferência” e
“Conferência Geral”.*

simples reunião periódica, era também uma Associação permanente, com uma constituição, uma constituição-modelo que as Conferências Estaduais eram obrigadas a seguir, um Comitê Executivo e três dirigentes.⁶

Os Adventistas do Sétimo Dia, surgindo a partir de outras Denominações, tomaram de empréstimo terminologia usada pela Conexão Cristã, pelos Menonitas e pelos Metodistas e adaptaram conceitos organizacionais da Igreja Metodista Episcopal.⁷ Apesar das semelhanças, a organização eclesiástica Adventista emergente diferia, em pontos-chave, da organização destas outras Denominações contemporâneas, mesmo daquelas que usavam a terminologia “Conferência” e “Conferência Geral”.⁸

Como indica este breve esboço, começando em 1861, os Sabatistas

usaram o termo “Conferência” num segundo sentido: Uma Associação permanente que regula as atividades dos seus membros. Foi neste sentido que a aliança das congregações Adventistas do Sétimo Dia no Michigan foi designada “A Conferência do Michigan”. Na organização eclesial Adventista, a Conferência era (e é) uma Federação ou uma Associação de igrejas locais.⁹ Então, a Conferência *Geral* era uma Conferência de quê?

Estabelecida em maio de 1963, ela era originalmente uma Associação de Conferências Estaduais – daí a criação de uma constituição-modelo que todas as Conferências tinham de adotar para se tornarem membros da Conferência Geral. Ela permaneceu uma Conferência de Conferências até à realização de importantes reformas organizacionais na 34ª Sessão da Conferência Geral, em 1901.¹⁰ Desde então, ela tem sido uma Conferência de Uniões. As coisas mudaram por

causa do crescimento e da crescente complexidade organizacional.

Crescimento e desenvolvimento

Durante os seus primeiros 38 anos, a Igreja Adventista do Sétimo Dia teve três níveis de organização denominacional: local (a congregação); provincial (a Conferência); e global (a Conferência Geral). Isto funcionou bem para um pequeno grupo restringido ao Noroeste e ao Centro Oeste dos Estados Unidos da América. No entanto, em grande parte graças à nova ênfase dada pela Conferência Geral à missão, a Denominação expandiu-se tanto geográfica como numericamente. A primeira Conferência de além-mar foi admitida em 1880, quando a 19ª Sessão da Conferência Geral votou “que a Conferência da Dinamarca seja recebida na Conferência Geral”.¹¹ À medida que a Denominação se espalhou para além dos Estados Unidos da América, o uso terminológico de “Conferência Estadual” foi gradual-



mente abandonado, sendo substituído simplesmente por “Conferência” e por “Missão” (sendo uma Missão funcionalmente equivalente à Conferência, mas tendo menos autonomia).

No fim de 1866 (o primeiro ano de que existem estatísticas), a Conferência Geral era constituída por sete Conferências, mais uma Missão, compreendendo 4320 membros de Igreja. Por altura da Sessão da Conferência Geral de 1888 (marcada por conflito teológico e inter-geracional), esta compreendia 32 Conferências (cinco das quais fora dos Estados Unidos da América), mais seis Missões, com um total de 26 112 membros em quatro continentes e nas ilhas do Pacífico. Por volta da marcante Sessão de 1901, a Conferência Geral tinha 87 Conferências e Missões, compreendendo 75 767 membros de Igreja oriundos de todos os continentes habitados.

O crescimento rápido e amplo gerou a necessidade de se criar um nível de organização entre as Conferências e a Conferência Geral. Como recordou mais tarde um líder missionário americano de além-mar, “nós [...] sentimos a necessidade de algo mais quanto à organização, tendo em vista acelerar o nosso trabalho”.¹² A Sessão da Conferência Geral de 1882 tinha aprovado um “Conselho Europeu” para coordenar a missão em todo esse continente. A Sessão da Conferência Geral de 1889 demarcou depois seis “Distritos” na América do Norte. Na Sessão da Conferência Geral de 1893, a Austrália e a Europa foram designadas, respetivamente, como Distrito 7 e Distrito 8.¹³ No entanto, um Distri-

to não tinha nem membros eleitores, nem sede permanente, e os líderes da Conferência Geral não estavam dispostos a delegar-lhe muita autoridade.

O surgimento da União

Fora da América do Norte, os líderes de Missão estavam frustrados pelo facto de “todos os assuntos fora do âmbito da Conferência deverem ser remetidos para a sede [da Conferência Geral]”. Quanto à Austrália, como Arthur Daniells, um futuro Presidente da Conferência Geral, mais tarde recordou, era frequentemente necessário “passarem três ou quatro meses antes de conseguirmos qualquer resposta às nossas perguntas”. Por vezes, levava “seis ou nove meses para se resolver um assunto”. A cofundadora e profetisa da Igreja, Ellen G. White, juntamente com o seu filho, Willie, ambos em serviço missionário na Austrália, concordava com Daniells quanto à crença de que era necessário um novo nível organizacional para lidar com “as questões provenientes do Sul do Oceano Pacífico, com os problemas australianos, para que qualquer Conferência” na região pudesse obter uma decisão “a partir de um centro de autoridade local”.¹⁴

Em 1894, foi criada a União Conferência da Austrália; Willie

O crescimento rápido e amplo gerou a necessidade de se criar um nível de organização entre as Conferências e a Conferência Geral.

White foi eleito para ser o seu primeiro Presidente. A terminologia “União Conferência” denotava que, ao contrário de um Distrito, ela era uma União de Conferências – era, de facto, uma Conferência de Conferências, como a Conferência Geral, mas subordinada a ela. Ellen G. White apoiou entusiasmaticamente a medida, e assim, embora tivesse implicação para a organização eclesiástica Adventista, os líderes em Battle Creek tiveram de aceitar o novo tipo de organização, que era único do Adventismo. No entanto, durante os sete anos seguintes, os líderes da Conferência Geral opuseram-se à adoção do modelo da União fora da Austrália. Em resultado disto, embora as nove Conferências e Missões da Europa tenham formado a União Conferência Europeia em 1898, não foi formada qualquer União na América do Norte antes de 1901.

1901 e a necessidade de reforma

Por volta de 1901, a organização Adventista tinha ficado esclerosada. A Conferência Geral estava a tentar administrar 87 organizações subordinadas dispersas globalmente. A sua insistência de que *todas* as decisões acima do nível da Conferência deveriam ser tomadas por Battle Creek não frustrava apenas os missionários enviados para o estrangeiro. Do Sul dos Estados Unidos da América, Edson White escreveu à sua mãe, Ellen G. White, zangado porque as artérias administrativas da Igreja estavam tão endurecidas que “a Conferência Geral [...] nada faz, nem pode fazer” e interrogando-se “por que razão eles não se

põem de parte e deixam agir aqueles que ajudarão a fazer alguma coisa?”¹⁵

Na véspera da 34ª Sessão de 1901, Ellen G. White, que tinha recentemente regressado de serviço missionário na Austrália, disse aos líderes de Igreja reunidos que teria que “existir uma mudança [...] na Conferência Geral [...]. Queremos saber o que pode ser feito aqui; [...] o que pode ser feito agora mesmo”.¹⁶ Os dados estavam lançados.

É notável que os principais defensores da reforma organizacional, incluindo Ellen e Willie White, Arthur Daniells (eleito Presidente da Conferência Geral em 1901) e William Spicer (eleito Secretário da Junta da Missão Estrangeira) tinham todos, como observa o Historiador Barry Oliver, recentemente “regressado de amplos períodos de serviço missionário no estrangeiro” e procuravam fomentar a reorganização para permitir mais crescimento da Igreja ao redor do mundo.¹⁷ A reforma com mais consequências foi o facto de terem sido formadas novas Uniões no resto do mundo; de facto, a maior parte das Uniões norte-americanas da Igreja foram formalmente organizadas durante os intervalos da Sessão.¹⁸

As Uniões e a Conferência Geral desde 1901

A Conferência Geral tornou-se numa Conferência de Uniões. Permanece assim hoje. As Divisões mundiais são subdivisões da Conferência Geral e funcionam como suas filiais – não são a sua base constituinte.

Ao mesmo tempo que as Uniões substituíam as Conferências como



membros da Conferência Geral, houve uma mudança de abordagem. Depois de 1901, já nem todas as maiores decisões eram remetidas para a Conferência Geral. Foi concedido às Uniões um considerável grau de autonomia operacional, aquilo que vários líderes ao redor do mundo vinham buscando há uma década.

Mas houve também outra mudança formal na organização eclesiástica. Antes de 1901, as Conferências eram representadas nas Sessões da Conferência Geral, mas não no Comitê Executivo da Conferência Geral, embora a importância deste tivesse aumentado imenso. Em 1901, os seus membros eram apenas 13; 11 eram da América do Norte. Era evidente que “não era um órgão representativo da Igreja mundial”.¹⁹ Uma das reformas de 1901 fez de cada Presidente de União um membro *ex officio* do Comitê Executivo. Isto tornou este Comitê muito mais representativo. Mas também uniu mais estreitamente a Conferência Geral. Agora, todas as Uniões, enquanto membros do Comitê Executivo, tinham a garantia de que a sua voz seria ouvida.

Além do mais, a autoridade do Comitê Executivo da Conferência Geral foi aumentada, pois a 34ª Sessão votou que ele “deveria tomar o lugar de todas as atuais Juntas gerais e de todos os atuais Comitês gerais”.²⁰ As Associações completamente independentes, que tinham existido desde a década de 1870, tornaram-se, daí em diante, Departamentos sob a autoridade do Comitê Executivo. Em resultado disso, a partir de então as Uniões tinham algo a dizer na supervisão dos Departamentos ao nível da Conferência Geral, tal como ao nível das Uniões e das Conferências, onde os Departamentos também operavam.

Em resumo, as reformas de 1901 resultaram numa forma de organização mais flexível e num sistema de governação mais interdependente. As decisões operacionais foram atribuídas às Uniões, enquanto a autoridade em questões de amplo interesse foi reservada para os órgãos que representam toda a Denominação.

Conclusão

Cedo na sua história, os Adventistas

A União é, verdadeiramente, o pivô da Denominação, pois é o ponto central sobre o qual gira a organização Adventista, embora seja parte de uma maquinaria mais ampla.

do Sétimo Dia reconheceram que a proclamação do Evangelho é auxiliada, não impedida, por estruturas administrativas eficazes. Foi por essa razão que eles formaram as Conferências em 1861; a Conferência Geral em 1863; e, de 1893 a 1901, estabeleceram e acolheram as Uniões. Tudo com o propósito de promover a proclamação e a missão. Nas palavras de Daniells, os Adventistas precisam de “mais [...] organização para apressar o nosso trabalho”.²¹ A estrutura não era um fim em si mesma. Como Ellen G. White disse: “A Igreja é o meio que Deus escolheu para a salvação dos homens. Foi organizada para servir, e a sua missão é levar o Evangelho ao mundo.”²²

Como é que as Uniões contribuem para se alcançar este objetivo? Isto é algo que os membros e os Pastores da Igreja frequentemente não percebem. O ponto crucial é que, na organização eclesial Adventista, as Uniões não são meras *componentes* da Conferência Geral; elas *constituem* a Conferência Geral. Os Adventistas tendem a usar a designação “Conferência Geral” apenas para designar a sede da Igreja; mas ela é muito mais do que isso: é a soma das suas par-

tes constitutivas. Portanto, quando a Conferência Geral toma uma decisão, ela não é algo de que as Uniões se possam *afastar* (embora alguns membros da Igreja ou alguns líderes da Igreja nem sempre *concordem* com essas decisões) porque a Conferência Geral, num sentido real, não se distingue das Uniões. As decisões das Sessões da Conferência Geral ou, em áreas delegadas constitucionalmente, do Comitê Executivo da Conferência Geral, não são a expressão de algo que não contempla as Uniões, mas são, sim, a voz coletiva das Uniões membros da Conferência Geral. Porque todas contribuíram para as decisões, todas têm a obrigação de as executar.

Para além de permitir a ação concertada, a Igreja Adventista do Sétimo Dia continua a depender da conectividade que as Uniões proveem entre as Conferências de igrejas locais e a administração da Igreja mundial (CG). A União é, verdadeiramente, o pivô da denominação, pois é o ponto central sobre o qual gira a organização Adventista, embora seja parte de uma maquinaria mais ampla.

Depois da Sessão da Conferência Geral de 1901, Ellen G. White declarou que o novo modelo de organização baseado “nas Uniões Conferências foi um arranjo de Deus”.²³ A natureza colaborativa e interdependente da Conferência Geral, enquanto Conferência de Uniões, promove a unidade e capacita para a ação coletiva, assim ajudando a exaltar Jesus Cristo, que nos garantiu que “eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim” (João 12:32, *ARC*).



1

“Quatro níveis de estrutura eclesial estendem-se do crente individual à organização mundial da Igreja: A igreja local é constituída pelos crentes individuais. A Conferência local ou a Missão local é constituída por um certo número de igrejas locais num Estado, numa província ou num território. A União Conferência ou a União Missão é constituída por Conferências no interior de um território mais amplo (frequentemente um agrupamento de Estados ou de todo um país). A Conferência Geral, a unidade organizativa mais extensa, é constituída por todas as Uniões em todas as partes do mundo.” Também há Divisões: “Secções da Conferência Geral, com responsabilidades administrativa por áreas geográficas determinadas.” <http://www.nadadventist.org/article/19/about-our-church/organizational-structure>.

2

Stephen D. O’Leary, *Arguing the Apocalypse: A Theory of Millennial Rhetoric* (New York: Oxford University Press, 1994), 102 e 103.

3

George R. Knight, *Organization for Mission and Growth: The Development of Adventist Church Structure* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2006), 32. Os Adventistas sabatistas realizaram uma denominada Conferência Geral no Estado de Nova Iorque em agosto de 1852; no entanto, as respetivas discussões foram menos significativas do que as ocorridas nas três Conferências Gerais realizadas em Battle Creek em 1860, 1861 e 1863.

4

E. g., Knight, *Organizing*, 21-29.

5

As “Conferências Estaduais” foram: Conferência do Iowa do Norte, Conferência do Iowa do Sul (que se vieram a unir como “Conferência do Iowa” pouco tempo depois), Conferência do Vermont, Conferência do Illinois, Conferência do Wisconsin, Conferência do Minnesota e Conferência de Nova Iorque.

6

Veja David J. B. Trim, “The Spirit of ‘63”, in *Adventist World*, junho de 2015 e em *Adventist Review: General Conference Bulletin*, nº 1 (5 de julho de 2015), www.adventistreview.org/1514-8.

7

Veja Andrew G. Mustard, “James White and the Development of Seventh-day Adventist Organization, 1844-1881” (Tese de Doutoramento, Universidade Andrews, 1987), 253 e 254, 258 e 259. Andrew G. Mustard, “Seventh-day Adventist Polity: Its Historical Development” (Biblical Research Institute paper, s.d.), 4.

8

Veja Mustard, “Development of Adventist Organization”, 261 e 262; cf. Knight, *Organizing*, 16, 19.

9

Isto é evidente no modo como a Igreja traduz “conferência” em espanhol (“Asociación”) e em francês (“Fédération”).

10

Sobre os desafios organizacionais no fim da década de 1890, sobre a Sessão de 1901 e as suas reformas, e sobre as controvérsias associadas, veja-se o estudo abalizado de Barry D. Oliver, *SDA Organizational Structure: Past, Present and Future* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1989).

11

Nineteenth General Conference Session, Terceira reunião, 12 de outubro, 1880, in “General Conference Records”, vol. 2 (GC Archives, box 6873).

12

A. G. Daniells, discurso na 38ª Sessão da Conferência Geral, 13ª reunião, 22 de maio de 1913, *General Conference Bulletin* 7 (1913): 108.

13

28ª Sessão, 1889: 1ª reunião, 18 de outubro; 8ª reunião, 25 de outubro; 20ª reunião, 5 de novembro, *Daily Bulletin of the General Conference* 3 (1889): 8, 90, 155. Oliver, *SDA Organizational Structure*, 103.

14

Discurso de Daniells (citado na nota 11), 108.

15

Carta de J. E. White a E. G. White, 18 de junho de 1899.

16

Ellen G. White, *Manuscript* 43c, 1901.

17

Oliver, *SDA Organizational Structure*, 291 e 292.

18

Observações feitas na 30ª reunião (23 de abril de 1901), “Organization of Southern Union Conference”, “Constitutions and By-Laws of the Southwestern Union”, e Constitutions of the Lake, North, West, and Eastern Union Conference, *The General Conference Bulletin: Thirty-Fourth Session* 4, extra nº 19 e nº 2 (24 de abril de 1901): 442, 447, 449, 475-477.

19

Secretariat, General Conference of Seventh-day Adventists, A Study of Church Governance and Unity (setembro de 2016), 22.

20

“Summary of Proceedings of General Conference”, *The General Conference Bulletin: Thirty-Fourth Session* 4, nº 2 (segundo trimestre de 1901): 501.

21

Daniells, 108.

22

Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Sabugo: Publicadora SerVir), 9.

23

Citado por Willie C. White na 35ª (1903) Sessão da Conferência Geral, 19ª reunião (9 de abril de 1903), in *The General Conference Bulletin: Thirty-Fifth Session* 5, nº 10 (10 de abril de 1903): 158. Impreso na totalidade em Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 8 (Tatui, SP: Casa Publicadora Brasileira), 232.

Do Comunismo ao Adventismo

*Todos naquela empresa, incluindo o dono,
eram filiados no Partido Comunista.*

—
Francisco Monteiro
Colportor-Evangelista

Estava a trabalhar na cidade de Lisboa, numa zona residencial e comercial. Nesse dia, visitei um escritório e armazém de venda de peças para a indústria do ramo automóvel. Pedi para falar com o gerente, que neste caso era também o dono do negócio, para poder apresentar os meus livros na empresa. O senhor deu-me autorização e ele mesmo assistiu à apresentação. Em resultado da apresentação, vendi uma coleção de quatro livros a ele e a mais três dos seus empregados.

Como me achou simpático na forma como apresentei os meus livros, o dono da empresa preferiu pagá-los em quatro vezes, para que eu passasse lá com mais frequência, de modo a

fazer a cobrança, e assim pudéssemos falar um pouco. Todos naquela empresa, incluindo o dono, eram filiados no Partido Comunista.

Numa das vezes que passei por lá para fazer a cobrança, um dos funcionários, que me tinha comprado os livros, disse-me que se apercebera de que um deles era de cariz religioso (tratava-se de *O Grande Conflito*). Ele também me tinha achado diferente na conversação, pois, durante todo o tempo que permaneci naquele escritório, nunca usei termos de calão ou palavras inapropriadas, ao contrário do dono da empresa e dos funcionários. Por isso, quando eu saí, este funcionário fez questão de me acompanhar até ao exterior do escritório. Uma vez fora do escritório, ele perguntou-me se eu pertencia a alguma Igreja. Eu disse-lhe que era Adventista do Sétimo

mo Dia. Ele disse-me: “Sim? Conheço essa Igreja. Quando eu era criança (quando ele teve esta conversa comigo já era casado e tinha uma filha de seis anos) nós tínhamos muitas dificuldades económicas e a Igreja Adventista do Sétimo Dia ajudava-nos com alimentos. Não éramos Adventistas, mas a Igreja ajudava a minha mãe.”

Em resultado desta conversa, senti-me encorajado a convidá-lo para estudar a Bíblia comigo. Ele aceitou o meu convite, mas pediu-me para não dizer nada aos colegas de trabalho, nem ao patrão, porque lá eram todos Comunistas. Eu comprometi-me a manter o segredo. Comecei a ir a casa dele para estudar a Bíblia com ele e com a esposa. Como tínhamos a mesma idade, tornámo-nos bons amigos. A nossa amizade permanece até hoje. Em resultado dos estudos que tivemos,

da leitura de livros que eu lhe ia vendendo ou emprestando, ele começou a frequentar a igreja Adventista do Sétimo Dia de Lisboa-Central, que era a igreja que eu também frequentava. Depois de uma campanha de evangelização, ele e a esposa batizaram-se, e ele desvinculou-se do Partido Comunista. Quando a filha cresceu e se tornou adolescente também se batizou. Este meu cliente – agora meu amigo e Irmão – acabou por se despedir do emprego que tinha e também se tornou Colportor-Evangelista como eu. Realizou este trabalho durante nove anos, com bastante sucesso. Hoje, ele, a esposa e a filha, tal como eu, aguardam a volta de Jesus e esperam viver com Ele por toda a eternidade no Seu Reino de glória.

Maranatha! O Senhor Vem!






Já tinham caído nove terríveis pragas sobre o Egito, assim como terríveis tinham sido os muitos anos de escravidão naquele país. Agora aproximava-se o momento da libertação. A última praga seria precedida pela celebração da primeira Páscoa. As instruções que encontramos no capítulo doze de Génesis prescreviam que um cordeiro deveria ser tomado por família (v. 3) e imolado (v. 6). O sangue desse animal deveria ser posto em ambas as ombreiras e na verga da porta (v. 7). Uma refeição teria então lugar, com a carne, os pães asmos e as ervas amargas (v. 8). Todos deveriam permanecer dentro de casa, sem sair, até chegar a manhã (v. 22), porque, naquela noite, o juízo de Deus iria ser executado sobre os opressores (v. 12).

Uma interessante analogia pode ser estabelecida com os nossos dias. Para as famílias que vivem na iminência dos últimos juízos que cairão sobre

a Terra, a mensagem parece ser clara: é preciso reunir a família e viver a salvação que pode ser assegurada unicamente através do poder salvífico do sangue de Cristo derramado na Cruz por nós. Ellen G. White comenta este incidente com as seguintes palavras:

“O sangue na verga da porta simbolizava o sangue de Cristo que, unicamente, salvava da condenação o primogénito dos Hebreus. Qualquer dos filhos dos Hebreus que fosse encontrado numa habitação egípcia seria destruído. Essa experiência dos Israelitas foi escrita para instrução dos que haviam de viver nos últimos dias. Antes que passe o dilúvio do açoite sobre os habitantes da Terra, o Senhor está a chamar todos quantos são verdadeiramente Israelitas a que se preparem para esse acontecimento. Ele envia aos pais o grido de advertência: recolham os vossos filhos na vossa própria casa; afastem-nos dos que



Uma
mensagem de
Páscoa para
as famílias

desrespeitam os mandamentos de Deus, que ensinam e praticam o mal. Saiam o mais depressa possível das grandes cidades. Estabeleçam escolas junto às igrejas. Deem aos vossos filhos a Palavra de Deus como fundamento de toda a sua educação. Ela está cheia de belas lições e, se os alunos a tornam no seu estudo no curso fundamental aqui em baixo, estarão preparados para o curso superior lá em Cima.” – *Testemunhos para a Igreja*, vol. 6, pp. 194 e 195.

Nestes dias difíceis, cercados e permeados pela incredulidade e pela dureza de coração, que caracterizaram também o antigo Egito, escravizados e oprimidos pelos vícios e pelo hedonismo, precisamos de proteger as nossas famílias destas influências mortais. A forma de o fazer é celebrar a libertação e o poder de Deus. Com o coração purificado, precisamos de instruir os nossos filhos no bem e procurar proporcionar-lhes o ambiente que melhor contribua para o seu desenvolvimento espiritual.

O profeta Joel profetizou que os nossos filhos, no tempo do fim, iriam profetizar e ter visões ao ser o Espírito Santo derramado sobre eles (Joel 2:28). Ele também disse que era preciso, primeiro, reunir as crianças e os adultos para um grande movimento de reavivamento (Joel 2:16). Malaquias, por sua vez, ainda se referindo a este tempo, termina o Antigo Testamento com a promessa de que uma obra de reforma, semelhante à de Elias, iria produzir uma grande unidade entre pais e filhos (Malaquias 4:5 e 6).

Todos sabemos que a tarefa dos pais e das mães nestes tempos que correm não é fácil (I Timóteo 3:1-5). Muitos

ventos contrários ameaçam subverter as famílias que lutam para permanecerem fiéis ao Senhor. Mas que mensagem nos vem daquela primeira Páscoa? Este mundo está prestes a colapsar, a tempestade passará, só há segurança nas casas onde o sangue do Cordeiro Divino for introduzido para remissão dos pecados e para capacitação dos membros da família na nova vida em Cristo. Só há segurança onde a família se reúne habitualmente para orar e aprender d’Aquele que é manso e humilde de coração. Só há segurança quando o ambiente doméstico é zelosamente guardado das influências pecaminosas que o assediam por múltiplas formas, incluindo aquelas que a Tecnologia nos proporciona hoje. É assim o seu lar? O que impede que assim seja? Num dos seus sermões, que estão disponíveis *online*, o Pr. Pavel Goia conta como, no meio de um terramoto que atingiu o seu país natal, a Roménia, muitos vizinhos buscaram refúgio na casa dos seus pais. Não o faziam por se tratar de um apartamento com uma construção antissísmica. Na realidade, as suas habitações eram idênticas. Vieram abrigar-se junto daquela família Adventista porque sabiam que Deus os iria proteger. Queriam beneficiar também dessa proteção. O mesmo aconteceu no Egito. Foram muitos os Egípcios que se juntaram ao povo de Israel, porque compreenderam onde estava a segurança.

Famílias Adventistas, reúnam-se em torno do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (João 1:29). A promessa, muito inclusiva, é: “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome” (João 1:12).



Espaço «
» Juvenil



Conceição Lagoa

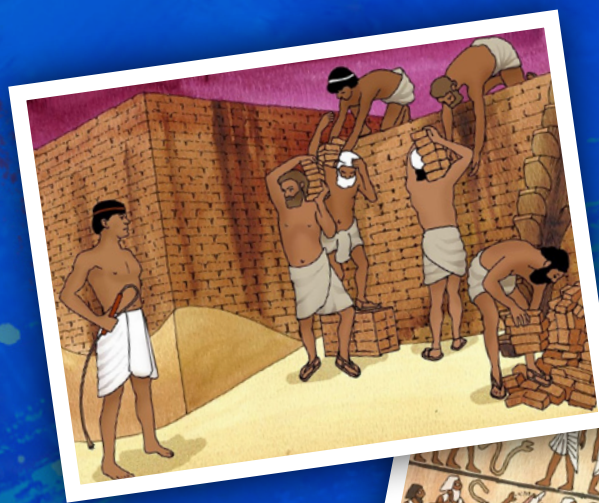
*Diretora-Associada da Área da Família da
UPASD para os Ministérios da Criança*

Por que razão foi instituída a Páscoa?

Para responder a esta questão, vou convidar-te a viajar no tempo e a recuar até à última noite em que os Israelitas foram escravos no Egito.

Lembras-te de que Moisés já tinha avisado o Faraó do juízo final sobre os Egípcios e também já tinha dito ao seu povo para se preparar, pois, em breve, deixariam de ser escravos. Então, ele deu-lhes algumas instruções:

Reunir as suas famílias dentro de casa. Colocar o sangue de um cordeiro nas ombreiras e nas vergas da porta. Comer o cordeiro, assado, com pão sem fermento e ervas amargas. “Assim, pois, o comereis, os vossos lombos cingidos, os vossos sapatos nos pés, e o vosso cajado na mão; e o comereis apressadamente; esta é a páscoa do Senhor” (Êxodo 12:11).





Aquele cordeiro representava o Cordeiro de Deus, JESUS.

E, como sabes, à meia-noite, todos os primogénitos dos Egípcios foram mortos. Então o rei enviou a Moisés a mensagem: “Levantai-vos, saí do meio do meu povo; [...] e ide, servi ao Senhor, como tendes dito” (Êxodo 12:31).

Finalmente, depois de 430 anos, os Hebreus deixaram o Egito. Agora eram livres. Eram uma nação independente.

Agora vou responder-te à pergunta inicial...

A Páscoa foi instituída para comemorar a libertação do povo de Israel do cativeiro do Egito. Isso mesmo!

E, para não se esquecerem deste acontecimento, Deus ordenou que, cada ano, esta festa fosse comemorada. Então, cada ano, eles iam a Jerusalém celebrar a PÁSCOA. Assim, a história da libertação do povo nunca seria esquecida.

E na Bíblia diz: “E, quando vossos filhos vos disserem: Que culto é este? Vós lhes direis: É o sacrifício da Páscoa ao Senhor, que passou as casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu aos egípcios” (Êxodo 12:27).

Festa da Páscoa

E, agora, vamos deixar o Egito e viajar até Jerusalém. Vamos celebrar a festa da Páscoa!

Quando Jesus estava com 12 anos, também foi a esta festa e viu os sacerdotes de vestes brancas, viu o animal sobre o altar do sacrifício. Ele também se inclinou em oração, enquanto a nuvem de incenso ascendia perante Deus. E o mais interessante é que cada ato parecia estar ligado à Sua própria vida.

Sabes, amiguinho, o mistério da Sua missão foi-Lhe revelado ali no Templo. Todo aquele culto apontava para o Seu sacrifício na Cruz para salvar este mundo.





Ceia do Senhor

Mais tarde, para substituir a festa da Páscoa, Jesus estabeleceu outro lembrete. Sabes qual foi?

Isso mesmo, foi a Ceia do Senhor, a Santa Ceia, como lhe chamamos!

“E quando comiam, Jesus tomou o pão, e, abençoando-o, o partiu e o deu aos discípulos, e disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo. E, tomando o cálice, e dando graças, deu-lho, dizendo: Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados. E digo-vos que, desde agora, não beberei deste fruto da vide até àquele dia em que o beba de novo convosco no reino de meu Pai” (Mateus 26:26-29).

Então, ao comer e beber estes símbolos, eu estou a receber Jesus no meu coração como o meu Salvador pessoal e, deste modo, a Sua vida torna-se na minha vida.

Na última Páscoa, Jesus disse aos discípulos: “Desejei muito comer convosco esta Páscoa, antes que padeça; Porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no reino de Deus” (Lucas 22:15 e 16).

Agora já não celebramos a Páscoa, mas Jesus estabeleceu a Ceia do Senhor para os Seus seguidores em todo o mundo. E foi o próprio Jesus que disse: “Fazei isto, em memória de mim” (1 Coríntios 11:24).

Jesus deseja que a Ceia seja comemorada, frequentemente, na Sua Igreja para nos lembrarmos do Seu sacrifício.

A CEIA DO SENHOR foi dada para comemorar a GRANDE LIBERTAÇÃO operada em resultado da MORTE DE CRISTO. E até Jesus





voltar pela segunda vez, há de ser celebrada a Ceia do Senhor. Assim, conservaremos na nossa memória o sacrifício de Jesus.

Quando penso na Páscoa, penso no quanto Jesus sofreu. Penso que crucificaram Aquele que nos vinha salvar. Penso na crueldade com que trataram o meu Jesus.

Amiguinho, esta história passou de geração em geração e, hoje, tu também tens o privilégio de conhecer o verdadeiro significado da Páscoa.

Talvez te sintas perplexo ao descobrires que, afinal, o coelho não é o símbolo da Páscoa, nem os grandes ovos de chocolate, nem a grande variedade de amêndoas. Mas é Jesus, só JESUS.

A cada dia, deves ter o coração cheio de gratidão e aceitar Jesus como teu Salvador pessoal. Jesus sofreu muito para te salvar.

Agora, penso que compreendes melhor este versículo que diz: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16). Através destas palavras podes ouvir Deus falar ao teu coração e dizer-te que te ama tanto que deu o Seu Filho por ti. Ele diz para acreditares em Jesus e assim terás a vida eterna.

Agora só tens de aceitar este convite, para passares a eternidade com Jesus. Entrega, cada dia, a tua vida a Jesus.

Amiguinho, nunca esqueças que a morte do cordeiro pascal era sombra da morte de Cristo. E podes dizer como Paulo: “Porque Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós” (1 Coríntios 5:7).

Já falta pouco, muito pouco, para vivermos ao lado desse Pai maravilhoso e do nosso Amigo Jesus.

Sabes, eu admiro muito o meu Jesus, e compreendo plenamente que a Sua grande MISSÃO é apenas SALVAR.

JESUS É A MINHA PÁScoa. OBRIGADA, JESUS!





ESPÍRITO DE PROFECIA

Daniel Vicente | Diretor do Serviço de Espírito de Profecia da UPASD

Até que Ele venha

Estava próximo o momento em que Jesus Se iria oferecer em favor de todos aqueles que se afastaram do caminho de regresso à casa do Pai. Todos os sacrifícios que foram oferecidos durante a dispensação judaica apontavam para Cristo, “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (João 1:29). Em Êxodo, o sangue de um cordeiro fora espargido nos umbrais das casas do povo de Deus para que não fossem atingidas pela última praga: a morte dos primogênitos (Êxodo 12:7, 13). Esse sangue representava o sangue de Cristo, que nos liberta da escravidão do pecado (Hebreus 9:22).

A Páscoa judaica aponta para aquela libertação de Israel da escravidão do Egito (Êxodo 12). A paixão de Cristo, comemorada através do simbolismo da Santa Ceia (I Coríntios 11:26) – e não mais através de uma data específica, como acontece com a Páscoa judaica (Êxodo 12:14) –, relembra a libertação que a morte e a ressurreição de Cristo trouxeram a todos aqueles que n’Ele creem (João 3:15), até que Jesus volte a esta Terra, para nos conceder a vida eterna (I Coríntios 11:26).

A esse propósito está escrito no livro *O Desejado de Todas as Nações*: “O nosso Senhor diz: Sob a convicção de pecado, lem-

brem-se de que morri por vós. Quando forem oprimidos, perseguidos, atormentados por Minha causa e do Evangelho, lembrem-se do Meu amor tão grande, que dei a Minha vida por vós. Quando os vossos deveres vos parecerem duros e severos, e os vossos encargos demasiado pesados, lembrem-se de que por amor de vós suportei a cruz, desprezando a vergonha. Quando o vosso coração recuar perante uma prova dolorosa, lembrem-se de que o vosso Redentor vive para interceder por vós. A Santa Ceia aponta para a Segunda Vinda de Cristo. Foi instituída para conservar viva esta esperança na mente dos discípulos. Sempre que se reunissem para comemorar a Sua morte [...]”¹

A morte de Cristo e a Sua ressurreição são, pois, muito mais do que o fim da gloriosa manifestação do amor de Deus por cada um de nós. São um marco no grande plano de Deus para a nossa salvação. É através do reconhecimento da nossa grande necessidade da Sua salvação, pelo sacrifício de Cristo, que Deus continua a manifestar o Seu amor por nós, pela ação do Espírito Santo na nossa vida² e pela intercessão por cada um de nós, como nosso Sumo-Sacerdote no Céu (Hebreus 3:1).

“Estas são as coisas que nunca devemos esquecer. O amor de Jesus, com o seu subjungente poder, deve ser mantido na nossa memória. Cristo instituiu este serviço [de Santa Ceia] para que ele nos falasse aos sentidos acerca do amor de Deus, expresso em nosso favor. Não pode haver união entre nós e Deus, a não ser por meio de Cristo.”³

1

Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, ed. Publicadora SerVir, p. 564.

2

Idem, p. 563. Ver também João 14.

3

Idem, p. 564.



Texto Evocador da Memória do Dr. Daniel Esteves

Emanuel Esteves

O Dr. Daniel Augusto Gomes e Ascensão Esteves nasceu no dia 17 de Julho de 1946, na cidade do Barreiro.

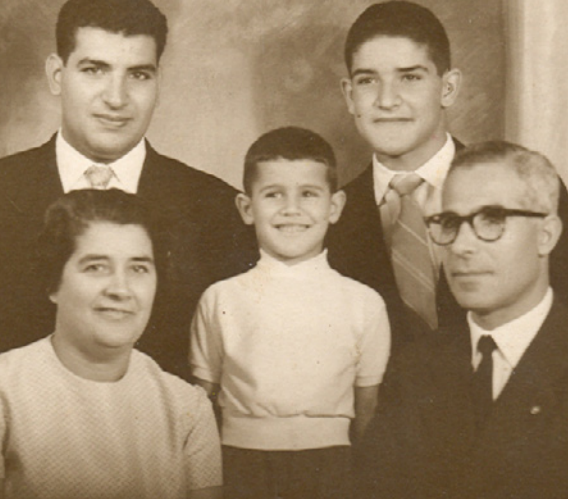
Filho de um casal de Missionários, o Pr. João Esteves e a irmã Lourença Gomes Esteves (neta do Primeiro Ancião na história da igreja de Lisboa-Central), ainda bebé rumou para Cabo Verde, onde os seus pais permaneceram como Pioneiros da IASD, tendo aberto a Obra em várias das suas ilhas e fazendo o mesmo, uns anos mais tarde, nos Açores.

Em fim de 1952 foram para Moçambique e, em 1955, Daniel viveu uma notável aventura. Ele foi uma criança alegre e divertida, muito activa e brincalhona, o que o colocou em frequentes situações de perigo, por vezes com inevitáveis consequências físicas.

Quando o Pastor João Esteves foi transferido de Moçambique para Angola, por volta de Julho de 1955, enquanto a esposa Lourença e o filho mais novo, o bebé Emanuel, viajaram de navio para Lobito, ele fez-se acompanhar dos dois filhos mais velhos, David e Daniel, numa épica viagem de automóvel que atravessou todo o Continente de África, desde o Oceano Índico até ao Oceano Atlântico. Num dos pontos da viagem, ao cruzarem uma savana orlada por uma floresta, depararam-se com um grupo de belas zebras a pastar. Pararam para contemplar tão belo momento e Daniel, sempre pronto a saborear todos os momentos com intensidade, saiu do automóvel e aproximou-se das zebras. Segundos depois foi interrompido pela chamada do pai, que gritou: “Já para o carro!” Não percebeu, mas obedeceu. Mais tarde, o pai explicou: “Onde há zebras a pastar, há leões emboscados.” Isto lembra um “outro” Daniel, também protegido dos leões!

Em Angola viveu a segunda metade da infância e a primeira metade da adolescência. Foi ali que, por volta de 1960, foi baptizado, a seu pedido. Permaneceu em Angola, até 1962/63, tendo passado por Nova Lisboa (actual Huambo), Cuale, Luanda, Lobito, Benguela, Sá da Bandeira (actual Lubango) e, por pouco tempo, Moçâmedes (actual Namibe).

Veio para Portugal, Coimbra, para continuar os seus estudos secundários e



iniciar o percurso universitário, na Faculdade de Medicina de Coimbra.

Em 1968, casou com Edite Simões da Silva, na altura igualmente estudante de Medicina. Ambos interromperam os estudos a fim de adquirirem sustento e criarem condições para a chegada da sua filha, Sandra, ocorrida em 1969, em Lisboa. Seis meses após o nascimento da primeira filha, o casal mudou-se para Luanda, Angola, onde desempenhou funções na Obra e, depois, no ensino. Em 1972, nasceu o seu filho Roger, em Luanda.

Pouco tempo depois, foi chamado a cumprir o Serviço Militar Obrigatório, no Huambo, como Oficial de Justiça, até dois meses antes da independência de Angola, que deixou com enorme desgosto.

Regressado a Portugal, instalou-se em Coimbra, com o objectivo de retomar os estudos de Medicina, o que fez com sucesso, ao mesmo tempo que a esposa, Edite.

Apontando para seguir a carreira de Medicina Geral e Familiar, em Janeiro de 1982 foi chamado pela UPASD para ser incorporado como Obreiro, a fim de desenvolver o trabalho médico em Portugal. Inspirado pelo serviço dos seus pais nas missões e apoiado pela espo-

sa, Dra. Edite, aceitou abdicar de uma atractiva carreira médica no Serviço Nacional de Saúde para dedicar a sua vida e os seus dons ao ministério. O casal não poupou esforços, tempo ou recursos monetários para responder a necessidades de membros e amigos que com ele entravam em contacto. Em sintonia com o seu desejo mútuo de servir Deus, sempre estavam disponíveis para ouvir, aconselhar e ajudar. Sempre que necessário, não hesitaram em usar a sua condição de médicos para entrar em círculos exclusivos, de modo a angariar a ajuda necessária a vários membros da Igreja.

Um dos grandes legados da vida do Dr. Daniel Esteves foi a sua curiosidade e o seu tremendo gosto por aprender coisas novas, mesmo que fora da sua zona de conforto. Sempre foi um leitor ávido de revistas técnicas, médicas e científicas, publicadas em várias línguas, incluindo em francês e em inglês. Ao entrar nos seus 60 anos, entre 2004 e 2006, viveu e estudou no programa de Mestrado em Aconselhamento Familiar na Southern Adventist University, uma Universidade Adventista nos EUA. O seu sucesso em completar um programa de estudos de pós-graduação, com uma idade avançada,



da, num país e numa língua estrangeiros, não passaram despercebidos ao Dr. Gordon Bietz, Presidente da Universidade. Regressado a Portugal, manteve funções no Departamento de Família e trabalhou na Associação Família Amiga, como conselheiro familiar.

O Dr. Daniel Esteves, à testa do Departamento de Saúde e Temperança (posteriormente, também do Departamento de Família), fez parte do núcleo que levou a Associação Internacional de Temperança à sua oficialização e afirmação em Portugal, perante as Autoridades e outras Instituições. A lista das suas contribuições para o impacto da Igreja Adventista do Sétimo Dia em diversas áreas da saúde em Portugal é substancial: adaptou e implementou inimaginavelmente o “Plano de Cinco Dias para Deixar de Fumar”, desenvolveu um modelo de Seminário de Controlo do Stresse, outro de Gestão das Relações Familiares, organizou e dirigiu Acampamentos de Famílias, deu consultas médicas e fez aconselhamento no Centro Médico na periferia de Lisboa, deu apoio clínico aos Idosos nos LAPI’s em Portugal, providenciou apoio médico em actividades nacionais JA e colaborou em muitas igrejas do país e do

estrangeiro, tanto na área da promoção da saúde, como na área evangelística, o que continuou a fazer mesmo depois da sua aposentação. Pregou em quase todas as igrejas Adventistas do Sétimo Dia em Portugal, em quase todos os Sábados do ano. Os seus cultos sempre foram tremendamente apreciados.

Dono de uma capacidade de comunicação invulgar, facilmente captava as pessoas com a sua tão característica serenidade e um timbre de voz ímpar. O seu segredo, ou melhor, dom, era a capacidade de adaptação e improvisação. Facilmente adaptava as suas apresentações às pessoas que estavam presentes. Se eram mais educadas, ele usava uma linguagem mais erudita, mas, se a audiência era mais simples, ele facilmente adaptava a sua linguagem e os seus conceitos, tornando o seu discurso acessível e relevante para a audiência.

Usava frequentemente interessantes e elucidativas ilustrações, mas a sua preferida era a das pegadas na areia. Será que, nos últimos dias da sua vida, ele deixou de ver dois pares de pegadas para ver apenas um? O do seu Mestre, consigo ao colo? Podemos estar certos de que sim, baseados em algumas das suas últimas palavras.

A sua colaboração radiofónica e televisiva foi notável, em programas sobre Saúde e outros em que representou o pensamento da Igreja Adventista do Sétimo Dia em matérias importantes.

A sua dedicação foi igualmente notável e, com a ajuda de Deus, conseguiu atingir objectivos retumbantes. Ele tinha uma “velocidade própria”, por vezes incomodativa para os mais apressados, mas seguiu o seu percurso de forma isenta e sempre muito dedicada à Igreja, que sempre amou.

Apoiado principalmente pelo Presidente Pastor Joaquim Morgado, Presidente da União, por numerosos Pastores e por muitos Profissionais de Saúde, criou, adaptou e implementou programas e acções. Granjeou amigos por todo o lado! Foi talvez um dos médicos e obreiros mais queridos da comunidade Adventista em Portugal e deixou saudades nas igrejas com as quais trabalhou mais intensamente, como é o caso da Amadora, que pastoreou durante cerca de cinco anos, no final da sua carreira no ministério. Nos Acampamentos de Famílias, a sua presença calma e alegre levou-o a criar amizades e um prestígio difíceis de igualar. Ele gostava de conviver, de conversar, de se relacionar, tanto à sombra de um pinheiro, como ao redor de uma mesa, ou junto a uma fogueira. Ouvia atentamente e aconselhava sabiamente.

A sua esposa e os seus filhos “pagaram” a factura da sua frequente ausência de casa para servir no ministério. Mas não deixaram também de sentir o seu carinho especial. A forma autêntica e humilde como viveu a sua vida, as conversas íntimas com a esposa e os filhos, a força espiritual e emocional que sem-

pre manifestou ao encarar os desafios da sua própria vida e, acima de tudo, o seu amor incondicional pelos que Deus lhe confiou, segundo os filhos e netos, qualificaram-no como “o melhor pai e avô”. No entanto, por todo o tempo que o ministério o afastou dos seus, é inegável a grandeza da esposa e dos filhos, que sempre o apoiaram neste grato e abençoado percurso.

No dia 5 de Novembro de 2022, manhã de Sábado, a família e a Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal tiveram de encarar a sua morte, aos 76 anos, na cidade onde passou uma parte da sua vida, Coimbra, onde neste momento vive a sua esposa, Dra. Edite Silva Esteves.

Quanto aos filhos: A Professora Doutora Sandra Esteves trabalha nos Estados Unidos da América, no Departamento de Educação da Divisão Norte-Americana; e o Pastor Roger Esteves trabalha no Canadá como Pastor de Igreja e Conselheiro. Deixou quatro netos: Levi e Lara (do casal Sandra e Ruben) e, ainda, Caleb e Esther (do casal Roger e Ruth).

O Dr. Daniel Esteves partiu sem medo da morte e com o coração a transbordar de gratidão, porque, como ele disse nas suas últimas palavras, “Na minha insuficiência, Deus cobriu-me com o Seu amor”. Deixou-nos transbordando a paz que sempre partilhou e a certeza na ressurreição que tantas vezes afirmou. Até ao seu último suspiro, ele creu na declaração de João 11:25: “Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá.”

Maranatha!

Este artigo não se encontra escrito ao abrigo do Acordo Ortográfico em vigor por decisão expressa do seu autor.



António Maurício, um Servo de Deus

—
Eunice Maurício Delgado

António Antunes Maurício, filho de Afonso Mourato Maurício e de Silvina da Conceição Antunes, nasceu a 20 de outubro de 1932, na Ribeira de Nisa, Portalegre, sendo o mais velho de sete filhos.

Fez os seus estudos primários na Ribeira de Nisa. Posteriormente, passou pelo Seminário de Portalegre, onde cedo começou a acompanhar o Dr. Nunes Branco, professor do Seminário. Em seguida, concluiu o Liceu, em Lisboa. O Pastor Ernesto Ferreira foi o seu guia e conselheiro epi-

ritual. Quando aceitou o chamado para o ministério, começou por colportar, a fim de poder pagar os estudos que queria fazer em Collonges, França.

Em Lisboa, conheceu Lúcia Maria Batista Rodrigues, natural do Funchal, Madeira, estudante de enfermagem. Durante os quatro anos de namoro, ele em Collonges e ela em Lisboa, começaram a estabelecer o objetivo de serem missionários em África.

Regressou de Collonges a 15 de maio de 1959 e casou a 27 de agosto de 1959, com Lúcia, tendo presidido à cerimónia de casamento o Pastor Pedro Brito Ribeiro. Rumaram a Moçambique a 7 de setembro de 1959, juntamente com o Pastor Nunes e a sua esposa, Maria Rosa Nunes.

Chegaram a Munguluni a 15 de outubro de 1959, sendo António Maurício primeiramente professor e posteriormente inspetor de campo de toda a província, enquanto Lúcia tratava dos doentes que iam aparecendo com as mais diversas patologias. A 1 de fevereiro de 1961, nasce a primeira filha, Eunice, em Mocuba. Deixam Moçambique a 24 de abril de 1964, vindo passar férias a Portugal.

Em 1964, António Maurício recebe o convite para trabalhar em Angola, o qual aceita sem hesitar. A família chega a Angola a 1 de abril de 1965. Foram para a Missão do Bongo, sendo António Maurício primeiramente professor primário. Em 1966, foi nomeado Diretor da Missão e Lúcia foi nomeada enfermeira-chefe do hospital do Bongo. Foi consagrado Pastor no dia 10 de agosto de 1966, juntamente com o Pastor Balança e o Pastor Tadeu.

Enquanto Diretor da Missão do Bongo, mandou construir um edifício de escritórios, modificou a carpintaria, onde



1



2



3



4



ensinava, mas sem saber fazer, a talhar madeira (madeira bordada), para que o artesanato resultante fosse oferecido a certos membros do Estado quando vinham visitar a Missão. Mandou ainda fazer o dormitório para as raparigas e o refeitório para os alunos da escola. Dada a dificuldade de comunicações, tornou-se rádio amador, pedindo ao Dr. David Parsons que trouxesse todo o equipamento dos EUA. Abriu uma sala na localidade de Cubal, onde ia de quinze em quinze dias.

Em 1969, o Pastor António Maurício e a esposa, Lúcia, são abençoados com mais um filho, Samuel, que nasceu a 6 de março, no Bongo. Em julho de 1969, vão para a Missão do Cuale – Malange, onde foram substituir o Pastor Carlos Esteves. Deixam esta Missão a 3 de maio de 1970, a fim de poderem gozar as merecidas férias em Portugal. Em 1970, são abençoados com o nascimento da terceira filha, Sílvia, que nasce em Lisboa, a 1 de outubro, enquanto gozavam férias no Continente.

O Presidente da União Portuguesa, Pastor Armando Casaca, em 1971, convida o Pastor António Maurício a pastorear as igrejas do Lobito, de Benguela e da Catumbela, onde a família chega a 1 de fevereiro

de 1971. Para poder fazer os cultos nas três igrejas no mesmo dia, concebeu um horário especial, uma vez que tinha de fazer bastantes quilómetros. De manhã, fazia o culto em Benguela (às 10h00), à tarde, fazia o culto no Lobito (às 14h00) e, ao fim da tarde, fazia o culto em Catumbela (às 17h00).

No dia 29 de abril de 1973, iniciou a maior campanha de evangelização no Lobito, com o título “Para uma vida melhor”. Em resultado disso, foram batizadas mais de cem pessoas. Em janeiro de 1974, é convidado a pastorear a igreja de Luanda. Regressa a Portugal a 30 de julho do mesmo ano, devido a problemas de saúde. Adeus, África.

Já em Portugal, são-lhe confiadas as igrejas de Oliveira do Douro e de Avintes, e, como já era seu hábito, logo mudou a estrutura exterior da igreja de Oliveira do Douro. Deu também início à construção do CAOD. Dado o seu empreendedorismo, um membro da igreja ofereceu ao CAOD um autocarro para os alunos. Escreveu cartas para a Divisão, pedindo que membros pudessem patrocinar bolsas de estudos para os alunos com poucos recursos económicos. Inicia a construção da atual igreja de Avintes.

Em 1979, aceita o desafio de pastorear a maior igreja do país, Lisboa-Central.



44

9



10



11



12



São-lhe dados também os seguintes cargos: a Associação Ministerial, sendo o primeiro Pastor a assumir esse cargo, bem como os Departamentos de Mordomia e de Família. Começa então a realizar acampamentos na Figueira da Foz só para famílias, com temas e atividades para promover a união familiar. Em 1981, é realizada uma das maiores campanhas evangelísticas, dinamizando todas as igrejas da área de Lisboa, sendo conferencista o Pastor Roland Lehnhoff. Resultou em 140 batismos, realizados nas igrejas da área de Lisboa. Fez a restauração da igreja de Lisboa-Central, com limpeza da fachada principal do edifício e do edifício onde estavam sediados os escritórios da União Portuguesa. Restaurou também o interior da igreja, incluindo o púlpito, o batistério e as galerias.

Em 1988, inicia outra campanha de evangelização – “Sons e Imagens da Terra Santa” – com o Dr. Victor Schultz, que foi realizada no Fórum Picoas. Esteve dez anos a pastorear a igreja de Lisboa-Central.

Em setembro de 1989, foi-lhe atribuída a igreja do Porto e foi também nomeado Diretor e Administrador do CAOD. Em setembro de 1995, inicia-se como Pastor das igrejas de Canelas, Ermesinde e Pedroso. Fez modificações na igreja de Canelas, facilitando o acesso para pessoas com cadeiras de rodas.

Em outubro de 2001, organizou uma nova campanha de evangelização – “Paz para Viver” – tendo como orador o Pastor José Carlos Costa e que foi transmitida via satélite. Passou o testemunho da

igreja onde estava colocado em setembro de 2002. Em setembro de 2004, recebeu o convite para continuar com a evangelização na igreja de Pedroso. Reformou-se a 1 de setembro de 2007. Foram 48 anos ao serviço do Senhor.

Era seu hábito dizer que “o passado fica no passado”, pelo que não fez o registo das muitas coisas que realizou ao serviço de Deus. Uma das muitas frases que utilizou nas suas pregações foi: “Muita oração, muito poder; pouca oração, pouco poder.” O versículo pelo qual se guiou foi II Timóteo 4:7 e 8: “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda.”

Descansou no Senhor no dia 8 de dezembro de 2022. O Pastor António Maurício deixa a sua companheira de vida num casamento que durou 63 anos, Lídia Maurício, e os seus três filhos, Eunice, Samuel e Sílvia, para além de cinco netos, Lara, Diogo, Alexia, Catarina e Gustavo.

1
António Maurício - jovem

2
Quelimane - Moçambique

3
Batismos no Bongo com o Dr. Parsons.

4
Hospital do Bongo

5
Batismos no rio

6
Consagração dos Pastores
A. Maurício, Tadeu e Balança

7
Membros do Cubal

8
Construção do CAOD

9
Autocarro oferecido por um membro de Oliveira do Douro ao CAOD

10 e 11
Construção da igreja de Avintes

12
Seu entusiasmo ao pregar



Batismos na Comenda

9 dez 2022 | Eurico Vidro, IASD da Comenda

No passado dia 26 de novembro de 2022, a igreja da Comenda viveu momentos de muita alegria, porque três jovens decidiram entregar o seu coração a Jesus, tendo sido batizadas.

A igreja foi pequena para albergar todos os nossos irmãos e todas as nossas irmãs de igrejas vizinhas, que quiseram brindar-nos com a sua presença.

A jovem Marta Pires Silva, a seu pedido, foi batizada pelo Pr. João Catarino, seu primo.

As jovens Carolina de Matos Jorge e Filipa de Matos Jorge, também a seu pedido, foram batizadas pelo cessante Pastor desta igreja, Yadalzine Lima.

Foi uma grande bênção de Deus e uma vitória para a Sua Igreja. Os anjos regozijaram-se connosco, pois há alegria no Céu por um pecador que se arrepende.

Rendemos toda a nossa gratidão a Deus por essas conversões, porque não é fácil os jovens tomarem decisões por Cristo nos dias que correm.

Agradecemos também aos Pastores João Catarino e Yadalzine Lima por terem aceitado o nosso

convite para participarem deste importante evento.

“E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar” (Atos 2:47).



Batismo na Feira

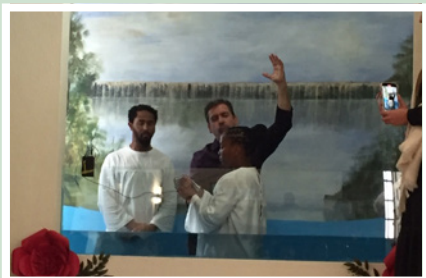
22 dez 2022 | Carlos Assunção Correia, Departamento de Comunicação da IASD da Feira

No Sábado 22 de outubro de 2022 realizou-se a cerimónia batismal da irmã Fátima Soares. Foi motivo de grande alegria para a congregação e, certamente, para o Senhor, para os anjos de Deus e para os habitantes dos outros mundos.

A irmã Fátima é um milagre andante, pois, após estar por anos impossibilitada de andar e presa a uma cadeira de rodas, pela fé no Filho de Deus e por sua decisão de abandonar o mundo e o pecado, o Senhor agraciou-a com a bênção de se locomover usando as suas próprias pernas, embora não esteja ainda em plena saúde. Mas, o Senhor é bom e a fé e a vontade de O servir levará a irmã, pela graça de Cristo, a receber novas bên-

ções para a sua saúde. O líder da nossa igreja, o Pastor Luís Ferreira, honrou a firme decisão da irmã, batizando-a em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Os votos batismais foram afirmados com fé e forte convicção.

A família da irmã constatou a sua decisão ao assistir ao seu batismo com profundo respeito e admiração. O seu filho, Ancião da Igreja Adventista do Sétimo Dia na Suíça italiana, José João Soares, antigo membro da nossa igreja, deslocou-se propositadamente a Portugal, a fim de assistir a esta maravilhosa cerimónia, assim como a irmã Aldina (irmã carnal da irmã Fátima) e a sua filha, a irmã Jéssica. Os louvores a Deus foram dirigidos pelo Coral da IASD da Feira. O regozijo encheu todos os corações e o Senhor Jesus foi honrado.



Batismos no Barreiro

01 fev 2023 Carlos Macedo, Departamento de Relações Públicas da IASD do Barreiro

Pela graça de Deus, tivemos o privilégio de realizar cinco cerimónias batismais recentemente na igreja do Barreiro.

A primeira ocorreu a 4 de junho de 2022, para batizar oito jovens que decidiram entregar a sua vida a Cris-

to. A Direção do Departamento de Jovens, bem como toda a igreja, irmão, com certeza, apoiá-los, para que possam crescer na fé e na graça e, assim, manter firme a sua decisão até ao fim.

Depois, a 25 de junho de 2022, mais três irmãs e um jovem desceram às águas, selando o seu compromisso com o Mestre. Pelo poder do Espírito, várias influências contribuíram para estas decisões. Deste grupo, duas novas irmãs, mãe e filha, foram fruto do trabalho inspirador da Rádio Clube de Sintra. Para a decisão e a preparação destas almas também contribuíram a ação do Pastor Tiago Cunha e o empenho do irmão Zeferino Vijombo.

Em 16 de julho de 2022, batizaram-se mais duas irmãs, que se tinham unido ao corpo de Cristo pelo batismo no passado, mas que depois se afastaram da Igreja. Agora, passados alguns anos, decidiram regressar aos braços do Salvador.

A 24 de setembro de 2022, foram batizadas mais três almas, entre as quais outro jovem, confirmando assim o seu anseio de se unirem a Jesus.

Em 5 de novembro de 2022, um casal também decidiu unir-se a Cristo e à Sua Igreja.

Que o nosso Pai Celeste abençoe e guie estas 19 almas, bem como aquelas que responderam aos vários apelos que foram feitos e que desejam batizar-se num futuro próximo. Que Ele as ajude a manterem-se firmes e fiéis até ao regresso do nosso amado Redentor. Ámen!

Novidade!

5€

OMOBONIKE ADEOLA SESSOU

Senhor,
FAZ DE MIM UMA
Mulher Virtuosa!



COMPRA *ONLINE* WWW.PSERVIR.PT | LIGUE 21 962 62 00

E-MAIL CLIENTES@PSERVIR.PT |  +351 925 896 870